

Negros querem ser tratados com igualdade

Eles enfrentam nova etapa de uma luta que deveria ser de todos os brasileiros

A intolerância racial no Brasil é tão forte e tão velada que fica difícil diagnosticá-la, reclama a mestrandia em Educação, Vera Rosane de Oliveira. Mas às vezes se torna explícita, como relata o antropólogo José Carlos dos Anjos: "O policial apontava a arma para a minha cabeça por causa do meu fenótipo. Imagine o que pode acontecer com os negros que vivem na periferia". Duas décadas atrás, as autoridades não reconheciam a existência de um problema racial no país, hoje estão se dando conta de que ele existe.

E os negros até já podem comemorar alguns avanços: a criação da Secretaria Especial de Políticas para a Promoção da Igualdade Racial, coordenada por uma negra, Matilde Ribeiro; a inclusão do racismo como crime no Código Penal; a determinação legal de contar a história e a contribuição cultural do negro nos três níveis de ensino; a possibilidade de cotas para negros e indígenas nas universidades públicas; e o reconhecimento da existência de comunidades quilombolas.

Página central

A cruz e a espada aliadas contra o Islã

Internacional A declaração de Bento XVI citando uma frase agressiva ao profeta Maomé provocou a quebra da diplomacia entre muçulmanos e católicos. Sem pedir desculpas formais, o papa reuniu um corpo diplomático de países islâmicos e manifestou pesar por sua frase ter ofendido os seguidores da fé islâmica. Especialistas, porém, não atribuem a declaração ao acaso, enxergando o posicionamento da religião católica como um alinhamento à liderança

hegemônica americana. O sociólogo Boaventura de Souza Santos acredita que, do mesmo modo que João Paulo II ajudou os EUA na luta contra o comunismo, Bento XVI estaria agora a favor da invasão de países árabes. Fernando Rodrigues da Rocha, professor de filosofia da UFRGS, resgata na história da Igreja a freqüente união com o poder do Estado no combate aos "inimigos da fé", artifício usado para preservar sua influência. **Página 10**



A capoeira é ensinada em projeto de extensão da UFRGS, com o professor Éderson Dorneles (D)

Análise das eleições 2006

Debates O professor do departamento de História do IFCH, Luiz Alberto Grijó, e a professora da Fabico, Maria Helena Weber, avaliam os resultados do processo eleitoral. **Página 4**

Entrevistando o entrevistador

Atualidade José Hamilton Ribeiro, o repórter mais premiado do país, diz que sua melhor reportagem ainda está por ser feita e que as novas tecnologias são um desafio para o jornalismo impresso. **Página 5**

Conversa com patronos da Feira do Livro

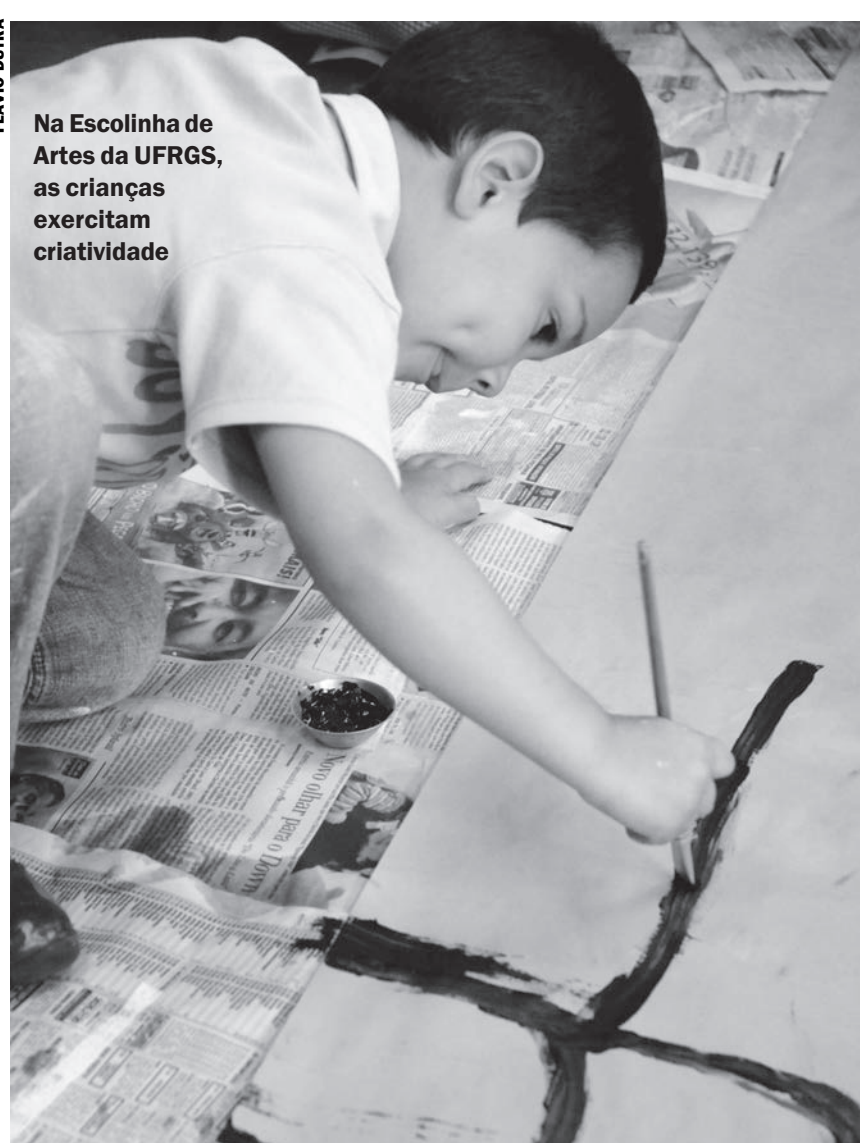
Cultura Todo ano, Porto Alegre experimenta a expectativa de saber quem será o patrono da Feira do Livro. A cada indicação, o protagonista da Feira ganha nova identidade. Patronos de ontem e de hoje falaram ao Jornal da Universidade sobre o incentivo à leitura e sobre a realidade do mercado. Outro destaque de cultura desta edição é o artigo do professor Enno Liedke Filho, do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFRGS, sobre a obra *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda, cujos 70 anos de publicação estão sendo comemorados com releituras, seminários e debates. **Páginas 12 e 13**

A arte nos processos de aprendizado

Campus Faz um ano que a professora Iara de Mattos Rodrigues faleceu, entristecendo aqueles que tiveram a oportunidade de conhecê-la e de desenvolver seu lado artístico em liberdade na Escolinha de Artes da UFRGS. De acordo com ex-alunos, que hoje atuam em alguma área das artes, Iarina – como era chamada carinhosamente – teve grande participação na formação de todos. Cada um teve seu quinhão ao lado de Iara e ela os acolhia, com carinho e ensinamentos. Em 2006, a Escolinha completa 46 anos de trabalho ininterrupto, procurando manter as orientações de sua fundadora, que acreditava na arte como fator de capacitação para qualquer área do conhecimento. A entidade mantém um arquivo de desenhos e pinturas que é um dos maiores do gênero no Brasil. **Página 7**

UFRGS recebe arquiteto premiado

Ciência O arquiteto Paulo Mendes da Rocha, Prêmio Pritzker 2006, esteve em Porto Alegre, falando a professores e alunos da Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Diante de mais de 700 pessoas, ele apresentou seus últimos projetos e fez críticas à má prática profissional: "Arquitetura não é produto e o mercado não pode construir o mundo". **Página 11**



FLÁVIO DUTRA

Na Escolinha de Artes da UFRGS, as crianças exercitam criatividade



O patrono Alcy Cheuiche estudou na UFRGS

LUIS VENTURA

Cartas

Consequência da chamada "formação para o trabalho", as Universidades modernas têm cada vez mais especialistas e menos sábios. A morte do professor Bruno Irgang privou a UFRGS de um de seus últimos sábios. Lembro uma vez, no Taim, em que ele se preparava para proferir uma palestra para botânicos quando a sala foi invadida por alunos (na faixa dos 12 anos) de uma escola pública de Rio Grande. Bruno mandou que sentassem e falou para todos juntos, crianças e doutores. Ao final ganhou o aplauso mais emocionado a que já assisti. Era um verdadeiro sábio. Vai fazer muita falta.

Ney Gastal

Diretor do Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica

e-mail: jornal@ufrgs.br

Memória da UFRGS



► DÉCADA DE 50 Vista da fachada do prédio da Faculdade de Arquitetura, construído entre 1954-1957, durante a gestão do reitor Elyseu Paglioli. Na época, no cruzamento da avenida Osvaldo Aranha com a rua Sarmiento Leite ainda havia trilhos e fios do bonde, que passava em frente à Faculdade.

REPRODUÇÃO/ACERVO DO MUSEU DA UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110
Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS
CEP 90046-900
Fone: (51) 3316-7000
www.ufrgs.br

Reitor

José Carlos Ferraz Hennemann

Vice-reitor

Pedro Cezar Dutra Fonseca

Chefe de Gabinete

João Roberto Braga de Mello

Secretária de Comunicação Social

Sandra de Deus

JORNAL DA UNIVERSIDADE

Publicação da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fone/fax: (51) 3316-3368
www.jornal.ufrgs.br

Conselho Editorial

Alfredo Carlos Storck,
César Antonio Leal, Dirce Maria
Antunes Suertegaray, Edson Luiz
Lindner, Helen Beatriz Frota
Rozados, Luis Augusto Fischer,
Márcia Benetti Machado,
Maria Henriqueta Luce Kruse

REDAÇÃO

Editora-chefe

Ânia Chala

Secretária de redação

Sandra Salgado

Repórteres desta edição

Ademar Vargas de Freitas,
Ânia Chala, Jacira Cabral da Silveira,
Luiz Ricardo Linch (bolsista)
e Sonia Torres

Projeto gráfico e diagramação

Juliano Bruni Pereira

Fotografia

Flávio Dutra e Ricardo de Andrade

Revisão

Ademar Vargas de Freitas
e Ânia Chala

Colaborou nesta edição

Marcelo Spalding

Circulação

Arthur Bloise

Fotolitos e impressão

Gazeta do Sul S.A.

Tiragem

12 mil exemplares

Espaço da Reitoria

Mostra de conhecimentos

Sempre buscando cumprir um de seus mais caros compromissos, o da excelência acadêmica, a UFRGS teve nestes meses de setembro e outubro uma clara demonstração do quanto esta excelência alcança todas as suas atividades acadêmicas – ensino, pesquisa e extensão, realizadas sempre de forma integrada.

De 24 a 29 de setembro, realizou-se o 7º Salão de Extensão com o tema Extensão: Ampliando as Fronteiras da Universidade. Foram seis dias de intensas atividades, alcançando – através das comunicações orais, pôsteres, oficinas, mini-

cursos e mostra interativa – um público de mais de 6.000 pessoas, numa exibição do vigor da extensão em nossa Instituição, como atividade essencial na relação entre universidade e sociedade.

Na semana de 15 a 20

de outubro, realizaram-se o XVIII Salão de Iniciação Científica, a XV Feira de Iniciação Científica e o I Salão UFRGS Jovem, este último, uma atividade multidisciplinar de características inéditas, com a participa-

Acertamos ao incluir em nosso plano de gestão a promoção de ações de caráter científico

ção de 18 escolas e a apresentação de 128 trabalhos de iniciação e divulgação científico-tecnológica. Esses trabalhos foram desenvolvidos por alunos e professores-pesquisadores, no âmbito das escolas de Educação Básica e Profissional. O Salão de

Iniciação Científica teve 2.881 trabalhos inscritos, 50 instituições externas participantes, 331 alunos destacados, sendo que, destes, 181 foram indicados para concorrer ao Prêmio Jovem Pesquisador.

Os resultados mostram o quanto acertamos ao incluir em nosso plano de gestão o item que prevê a promoção de ações de caráter científico, que divulguem a aplicação dos conhecimentos desenvolvidos na Universidade.

Quem visitou estes dois Salões percebeu os motivos pelos quais a Universidade Federal do Rio Grande do Sul é uma das mais importantes e qualificadas universidades do país.

José Carlos Ferraz Hennemann
Reitor

Artigo

Mudanças no Plano Diretor de Porto Alegre

O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Porto Alegre (PDDUA), em vigor desde 1999, está sendo reexaminado pela atual Administração Municipal, a partir da Conferência Municipal sobre o Plano Diretor em 2003 e da 4ª Conferência Municipal do Meio Ambiente, realizada em julho de 2006. O processo de revisão do Plano Diretor precisa ajustar os atuais dispositivos urbanísticos às novas concepções de planejamento e de organização territorial e às tendências de desenvolvimento sustentável da cidade de Porto Alegre. A Lei Complementar nº 434/99 estabeleceu prazos para as revisões do PDDUA, devendo cada administração promover o aperfeiçoamento da legislação, de acordo com as avaliações periódicas promovidas pela Secretaria do Planejamento Municipal.

Sem perder de vista os princípios gerais e as diretrizes urbanísticas, alguns dos aspectos do PDDUA estão sendo avaliados, face aos problemas pontuais detectados na sua implementação. Dentre estes aspectos, podem ser destacados a correção de rumos quanto à altura das edificações em determinadas áreas da cidade, o aprimoramento conceitual para facilitar o entendimento e a interpretação do texto legal, assim como a compilação da legislação, visando à consolidação das normas, interpretações, pareceres e jurisprudências.

Outro aspecto diz respeito às denominadas áreas de interesse especial, tanto do ponto de vista cultural, como ambiental. Além

das questões relativas às edificações, como é o caso da eliminação das sacadas e balanços laterais, a redução da altura dos edifícios é uma questão praticamente resolvida na proposta que está sendo finalizada. Pelo menos os edifícios que vierem a ser construídos nas áreas centrais dos bairros deverão ter a altura reduzida. A atual altura máxima de 52 metros ou 18 andares das edificações deverá ser reduzida para 42 metros ou 15 andares. A construção de prédios mais altos somente será permitida em áreas específicas da cidade, ao longo das grandes avenidas e em áreas em expansão urbana. Os afastamentos laterais deverão ser ampliados, passando dos 18% atuais, para 25%, visando assegurar maior aeração e iluminação dos entornos das edificações e buscando uma relação mais adequada entre os edifícios altos e os de menor porte.

A grande novidade da proposta é a garantia de que 20% da área urbana deverá ser vegetada e permeável, para que, pelo menos nos empreendimentos de maior porte, não sejam ocupados esses espaços de interesse

ambiental. As áreas de interesse especial são, pois, as que receberam maior atenção no processo de revisão do Plano Diretor. Mantidos os princípios gerais, serão modificados: 1) a adequação dos recuos de jardim; 2) os empreendimentos de maior porte, que geram fortes impactos ambientais, de mobilidade urbana e de vizinhança; e 3) os empreendimentos que implicam uma participação institucional integrada mais intensa do setor público, como é o caso da região da Lomba do Pinheiro, do Cais Mauá, dentre outros. A proposta propõe, portanto, regras para três categorias de empreendimentos: casas e edifícios (1º grau); aeroportos, centros comerciais, supermercados (2º grau) e os que compreendem uma região da cidade (3º grau).

Alterações deverão ser promovidas nos loteamentos urbanos, visando sua adequação às novas normas da legislação federal do parcelamento do solo, como a destinação de áreas para uso institucional e ambiental e para o sistema viário, previstas na percentagem de 35% não edificáveis.



FLÁVIO DUTRA

O debate público e os seminários com diversos segmentos da comunidade estão em fase adiantada de ajustamento das propostas a serem encaminhadas ao Prefeito. Os pontos de concordância e as divergências de caráter conceitual, técnico e jurídico serão examinadas de forma a viabilizar a redação final do projeto de lei, a ser encaminhado à Câmara Municipal. No Legislativo a proposta passará pela análise política e, sendo aprovada, o PDDUA dará mais um passo no processo de aprimoramento da legislação urbanística municipal de Porto Alegre.

Importa, fundamentalmente, além dos ajustes em curso, dar ênfase aos 70 km, aproximadamente, da Orla do Guaíba, ao Cais Mauá, ao Delta do Jacuí, aos edifícios públicos de destaque, como é o caso do novo Teatro da OSPA, do Museu de Arte Contemporânea (Mac), à despoluição visual, à paisagem cultural, aos topos dos morros e aos novos conceitos de desenho urbano integrados ao Centro Histórico. Intervenções urbanas no Centro, como as que já estão em curso, precisam ser valorizadas de forma a articular com os eixos de desenvolvimento descentralizado, prevendo-se, inclusive, conexões com pólos de urbanização voltados para as áreas adjacentes às vias principais da 4ª Avenida Perimetral e suas articulações com os planos das Linhas 1 e 2 do metrô e com os demais municípios da Região Metropolitana.

José Albano Volkmer
Diretor da Faculdade de Arquitetura



FLÁVIO DUTRA

justiça ■

Em busca de advogados

UFRGS atende quem não pode pagar pela defesa dos seus direitos

A estrutura do Serviço de Assistência Jurídica Universitária (Saju), um projeto de extensão da Faculdade de Direito, é composta por 110 estudantes de direito e 30 advogados voluntários. Atualmente, a demanda de casos novos chega a 40 por semana, sem contar os processos que envolvem o retorno da parte assistida. Mas, para ampliar o atendimento, o Saju está necessitando de mais advogados voluntários, principalmente nas áreas de direito da criança e do adolescente, violência contra a mulher e direito traba-

lhistas. A seleção é feita após entrevista e análise do currículo, sendo que o profissional necessita assinar um termo comprometendo-se a não cobrar honorários.

O Serviço foi fundado em 1950 e funcionou inicialmente no Centro Acadêmico André da Rocha. Durante o regime militar, chegou a ser fechado e voltou a funcionar no final da década de 70. Em 1997, passou a ser um projeto de extensão da universidade, e até a Defensoria Pública do Estado, quando acumula muitas ações, envia clientes para o serviço do Direito da UFRGS. Entre as ações mais frequentes estão as que envolvem pensão alimentícia, além das de direito do consumidor, do trabalho e direito penal. Porém, as atividades do Saju não se restringem às ações judiciais, pois outra face do projeto é ir até as comunidades

carentes. É a chamada assessoria jurídica universitária popular, em que os grupos trabalham com demandas coletivas, fortalecimento comunitário e justiça social, em defesa dos direitos humanos e fundamentais.

Para acessar o Serviço de Assistência Jurídica Universitária é preciso ter renda familiar igual ou menor que três salários-mínimos e passar por triagem, após o agendamento pelo telefone 3316-3967. O Saju só atende aos moradores de Porto Alegre, com exceção da Restinga e Sarandi. A secretária do Serviço é da bolsista Verônica de Siqueira Rodrigues e os estudantes Carolina Vestena e Felipe Barcelos, respectivamente, coordenadora acadêmica e tesoureiro. A orientação geral é da professora Luiza Helena Malta Moll.

coreografia ■ Gaúcho volta da Europa para desenvolver projeto de dança

O bailarino e coreógrafo João Fernando Cabral, ex-aluno do Instituto de Artes da UFRGS, está em Porto Alegre depois de passar três anos estudando dança na Alemanha, com estágios na Holanda e na França. Veio desenvolver seu novo projeto, *Mania de ser profundo ou por que eu parei de jogar futebol*, único trabalho inscrito pelo Rio Grande do Sul a ser contemplado com bolsa do Programa Rumos da Dança 2006/2007 do Itaú Cultural, de São Paulo. Em Porto Alegre, o bailarino, nascido em Uruguiana, busca parcerias

com instituições públicas e privadas. Ele já acertou a participação do diretor de teatro Écio Rossini e convidou a artista plástica e professora da UFRGS Elida Tessler a colaborar na construção de métodos de criação. No final deste mês, João Fernando viaja para a França, onde vai apresentar o primeiro estudo de seu projeto num seminário de dança, em Nantes, retornando em dezembro. Antes de viajar, deverá ministrar uma oficina sobre processos de criação em dança no Departamento de Arte Dramática da UFRGS, onde pretende retomar seus estudos.

prêmio ■ Engenharia elétrica

Capacidade de buscar respostas rapidamente e de testar os conhecimentos dos estudantes em máquinas elétricas foi um dos objetivos do concurso da WEG de Conservação de Energia, no qual 22 alunos do curso de Engenharia Elétrica da UFRGS foram premiados pela terceira vez. O concurso do maior fabricante de motores elétricos das Américas, consiste em responder a 65 questões *on line*, em 24 horas. Participaram 2.542 estudantes. O grupo da Universidade foi coordenado pelo professor Ály Ferreira Flores Filho.

pesquisa ■ Iniciação científica

A UFRGS, através da Pró-reitoria de Pesquisa, entregou nove computadores aos universitários ganhadores do Prêmio Jovem Pesquisador e Feira de Iniciação Científica, realizados em outubro. Paralelamente, ocorreu o I Salão UFRGS Jovem para estudantes de ensino médio e ensino fundamental. A foto mostra um dos trabalhos apresentados no Salão de Iniciação, que consiste num "Sumô de Robos", no qual pequenas máquinas que se enfrentam.



FLÁVIO DUTRA

cultura ■ Unimúsica

O projeto Unimúsica foi um dos destaques, na Categoria Expressão Cultural, da 12ª edição do Prêmio Líderes & Vencedores, promovido pela Assembléia Legislativa e Federasul. Mantido pela Pró-reitoria de Extensão da Universidade, o Projeto completou 25 anos em 2006. Segundo Claudia Boettcher, diretora do Museu da UFRGS e do Departamento de Difusão Cultural, já havia reconhecimento do público e agora, com este prêmio, passa a existir o reconhecimento da sociedade através de seus órgãos representativos.

ufrgs ■ Reconhecimento homenagem I ■ Professor emérito

PRÊMIO I - O estudo sobre melhoramento de pastagens nativas realizado pelo Departamento de Plantas Forrageiras e Agrometeorologia da Faculdade de Agronomia conferiu ao professor Carlos Nabinger o Destaque Correi do Povo na categoria Pesquisa Agropecuária. Nabinger é defensor dos ecossistemas e procura conhecer o potencial produtivo do campo, seja na região de Mata Atlântica, na Metade Sul ou nas Missões.

PRÊMIO II - Com o trabalho "Medidas sócio-educativas: da repressão à educação", realizado junto a adolescentes que praticam atos infracionais, a professora Carmem Craidy, da Faculdade de Educação, foi a vencedora do Prêmio Educação RS 2006, promovido pelo Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul.

O reitor José Carlos Hennemann concedeu, no mês passado, o título de professor emérito a Luiz Roberto Silva Martins, responsável pela criação, em 1969, do Centro de Estudos de Geologia Costeira e Oceânica, órgão auxiliar de Instituto de Geociências, onde também foi coordenador do programa de pós-graduação. O professor participou, ainda, da elaboração da política governamental do Projeto Antártico Brasileiro e do plano que resultou na ampliação do mar territorial brasileiro de 12 para 200 milhas.



O professor Martins recebeu o título do reitor

RICARDO DE ANDRADE

homenagem II ■ Funcionário emérito

A assinatura da decisão do Conselho Universitário, pelo reitor José Carlos Hennemann, instituindo o título de funcionário emérito da UFRGS foi um dos momentos da programação da Semana do Servidor 2006, que teve como tema *Valorizando a Vida e a Arte*. Esse título visa a criar distinção para servidores técnico-administrativos aposentados que tenham destaque, da mesma forma que já existe para professores aposentados. O programa da Semana do Servidor, ocorrida de 25 a 27 de outubro, também teve palestras e apresentações musicais.

Luiz Roberto Silva Martins sempre teve importante inserção em órgãos de fomento à pesquisa e de representação. O título de professor emérito foi indicação dos professores Irajá Damiani Pinto, Milton Luiz Formoso e Lauro Valentin Stoll Nardi.

Redação e edição

Sandra Salgado | Fone: 3316-3497 | E-mail: jornal@ufrgs.br



ARTE: ROSÁNE VIEIRA

Parabéns UFRGS!

2006

Planetário 34 anos
11 de novembro

Rádio 49 anos
18 de novembro

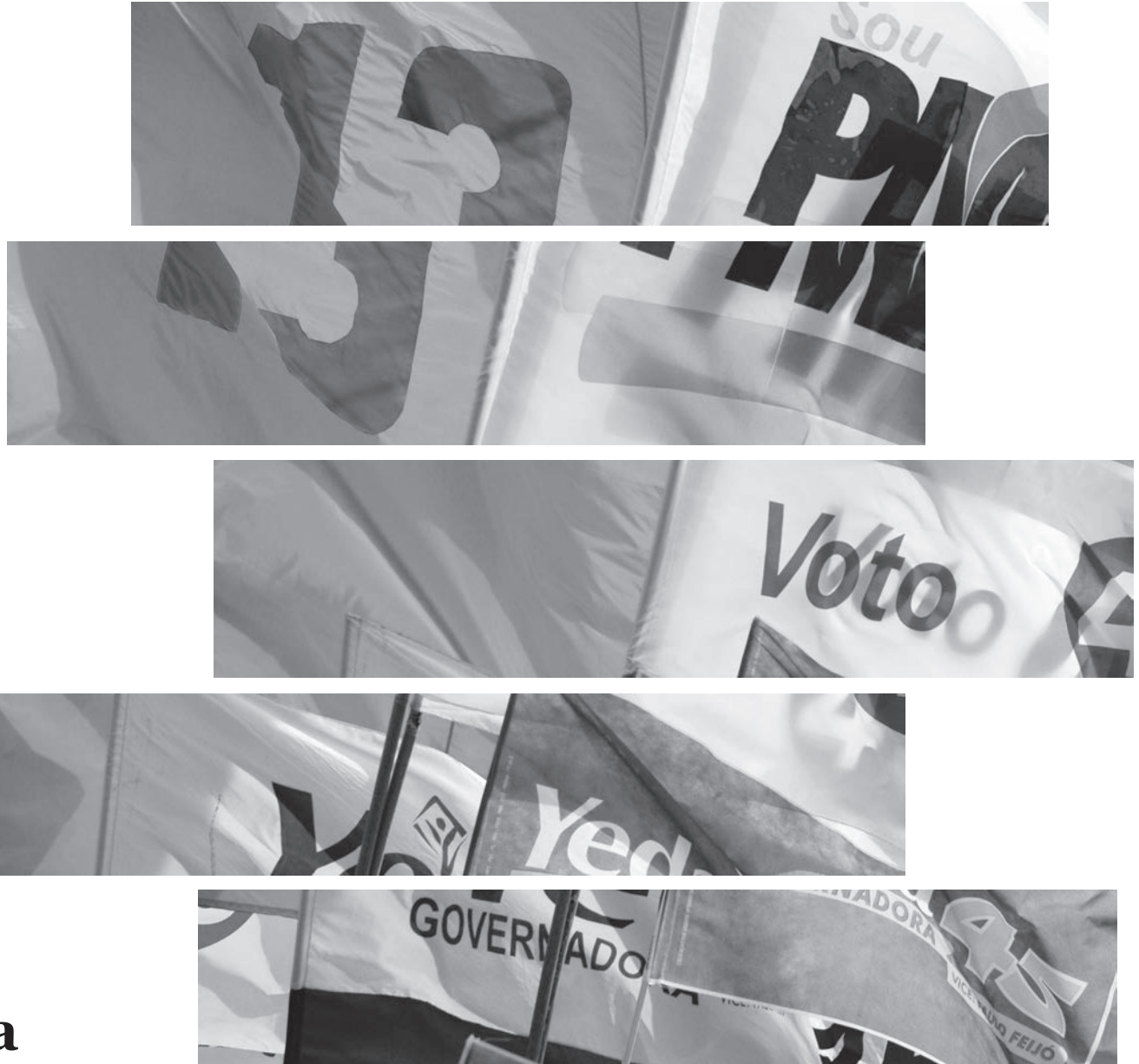




POR TRÁS DAS ELEIÇÕES 2006

Passada a campanha eleitoral, os eleitores voltam à condição de cidadãos. Mas nem por isso deve-se deixar de lado a análise de alguns aspectos do processo eleitoral no Brasil. Tanto na área da história quanto na da comunicação política, uma campanha oferece um precioso material de pesquisa. Num país em que o índice de leitura é de 1,8 livro por habitante, os meios de comunicação – como os jornais, a televisão, o rádio e, mais recentemente, os sites e blogs da Internet – desempenham um papel fundamental na divulgação das propostas dos candidatos. A pergunta que fica é: qual a influência desses meios sobre o voto do eleitor? Para responder a esta e outras questões, o Jornal da Universidade convidou a professora dos cursos de Graduação e de Pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS Maria Helena Weber, e o professor do curso de História do IFCH Luiz Alberto Grijó, para uma reflexão sobre as eleições 2006.

MONTAGEM SOBRE FOTO DE FLÁVIO DUTRA



A despolarização da política

Luiz Alberto Grijó*

A visão de que o processo eleitoral pode ser comparado tanto a uma competição desportiva, quanto a um drama televisivo desperta o interesse dos próprios políticos e daqueles que são investidos, e pesadamente investem em si mesmos, como os tradutores do que se passa no mundo político para os que dele se encontram relativamente, e cada vez mais, afastados. Produto de um trabalho levado diligentemente a cabo pelos que têm especial predileção por metáforas e adjetivos, essa visão tende a reduzir a política à dimensão de “corrida eleitoral” ou de “folhetim tragicômico”, possibilitando e justificando a concentração e monopolização dos recursos necessários para se jogar o jogo nas mãos de uns poucos especialistas, os quais procuram fazer crer que as coisas devem ser assim mesmo porque assim elas são.

Despende-se vultosamente para convencer que a política é similar a um páreo turfístico ou a uma minissérie de televisão, de modo que as “campanhas” e seus “enredos” acabam por se centrarem em “imagens” de candidatos. A partir delas, os pleiteantes aos cargos

eletivos são mostrados e apresentados em e ao público como “figuras bem compostas”, que merecem o triunfo nas urnas por suas supostas qualidades genéricas como esportistas (valentia, destemor, coragem, bravura, espírito de luta, astúcia, preparo) e como galãs de teledramaturgia (homem bom, nascido em berço humilde, que logrou vencer na vida com o suor do rosto, amigo, gente como a gente, honesto, honrado, trabalhador). No limite, são deliberadamente confundidos com habilíssimos taurmurgos aparelhados para erradicar do mundo todo e qualquer tipo de sofrimento, angústia, incerteza e precariedade.

O jogo de aparecer e parecer ser, que supõe também o trabalho de se buscar fazer os concorrentes desaparecerem, se sobrepõe à discussão propriamente política em torno das visões de mundo conflitantes dos grupos sociais mais ou menos organizados e seus

O jogo de aparecer e parecer ser se sobrepõe à discussão propriamente política

interesses, em torno das possibilidades e limites de políticas públicas, em torno das estratégias racionais e realistas para a resolução de problemas racional e realisticamente identificados.

Uma sucessão de falatórios, fofocas e boatarias a respeito de conspirações internacionais, de uma série de supostos crimes e crimes, dossiês, traições, denúncias, fotografias de bolos de dinheiro, vídeos caseiros na Internet, capacidades ou incapacidades estatutárias (ter ou não um diploma de curso superior, ser ou não um elitista, vir ou não de uma condição social mais baixa), tomam praticamente todos os espaços de publicização das candidaturas. Ao mesmo tempo, com a cumplicidade e para o gáudio dos acomodados no *laissez faire*, o que poderia ser uma boa oportunidade para a discussão efetivamente política é transformado em uma com-

petição por imputar ao adversário a responsabilidade pelo, ou ao menos a proximidade com o, maior “escândalo” ético-moral ou policial-criminal.

O que é efetivamente relevante em termos propriamente políticos vai sendo cada vez mais confinado em limites controláveis por poucos. Os senhores desses processos e procedimentos – cuja manutenção garante seus próprios interesses, ainda que em nome de um bem comum por eles mesmos definido como tal – trabalham no sentido de despolarizar ao máximo a política tal qual é apresentada frente à maioria, transformada em espectadora mais ou menos passiva daquilo que se passa à sua revelia. É interessante lembrar que Aristides Lobo, logo depois do pronunciamento militar que derrubou o regime monárquico e inaugurou a República no Brasil em 15 de novembro de 1889, já testemunhava que o “povo” assistiu a tudo o que ocorria “bestializado”.

*Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense e professor do Departamento de História da UFRGS

A captura do voto

Maria Helena Weber*

Eleições se constituem em precioso material de pesquisa para o campo da comunicação política. Vou me deter em alguns aspectos das eleições presidenciais do segundo turno, relacionados ao processo de visibilidade dos candidatos na captura do voto e ao poder da mídia no Brasil, a partir de alguns indicadores da passionalidade que permeia a decisão do voto e o imaginário do eleitor.

Amparada por uma estética de mercado e por antigas estratégias persuasivas, a propaganda maquiou denúncias e empoderou os candidatos para atribuir credibilidade e autenticidade aos discursos. As imagens que os cercavam foram trabalhadas como síntese de popularidade (o povo reunido), de afetividade e igualdade (abraços e beijos). Em meio a tudo, o ator-candidato prospectava seu espectador. Olhos nos olhos, para convencê-lo do seu projeto de desenvolvimento, sustentado por cenários e símbolos de fácil compreensão. Eternas promessas de campanha.

Ao dono do voto, coube a tarefa de combinar informações e sensações, e decidir. Neste sentido, a estratégia do candidato Lula tinha vantagens sobre a campanha de Alckmin. O simples e óbvio conceito *Força*

do Povo foi traduzido em imagens, criando situações permanentes de identificação do eleitor com os resultados do governo Lula e vinculando-o ou fundindo-o ao presidente ao rosto de brasileiros. Do outro lado, a complexidade do *slogan Por um Brasil Decente*, mostrava a candidatura Alckmin como solução ética ao atual governo.

Aparentemente perfeito, mas esbarrou na capacidade de relacionar imagens e textos comprobatórios no plano emotivo, o que diminuía as possibilidades de assimilação imediata. Também a identidade dos candidatos pesou. Enquanto Lula saiu com a vantagem de ser conhecido, Alckmin demorou até para definir seu nome eleitoral: Geraldo ou Alckmin? A imagem do simples Lula foi somada à do poderoso presidente e ele representava bem os dois papéis, fortalecendo seu *slogan*. A estratégia da campanha adversária mostrava Alckmin, como um único personagem, igual em qualquer lugar, de boa aparência e verossímil na defesa de suas idéias, mas sem vinculação natural ao seu *slogan*, à sua

Esse é o poder do eleitor, que decide à direita ou à esquerda sem saber de seus limites

campanha. Além disso, o ataque ao governo era mais veemente e contínuo do que a defesa de suas propostas.

No espaço do debate, quando a disputa é real, credibilidade e verdade são tangíveis, e o eleitor julga as emoções do candidato, sua naturalidade, capacidade de defesa, gestualidade, aparência, para além de seu texto. Se a propaganda permite a teatralização, no debate ela é insuportável aos olhos do espectador. E neste quesito, Lula também venceu. Independentemente da qualidade dos argumentos, o discurso compete com a expressão de quem o profere. A postura de Alckmin era a mesma no debate e na propaganda, enquanto Lula ocupava estes espaços de acordo com a natureza de cada um. E o candidato só controla a propaganda.

Também incontrolável pelos candidatos, mas eficazes no processo decisório, está a força das grandes mídias nacionais que se mantiveram vigilantes nas questões relacionadas às denúncias de corrupção, dossiês,

origem de dinheiro e a indicação de bandidos e mocinhos da política. Algumas justificadas pelo apoio a candidaturas, outras pelo exercício jornalístico. De qualquer modo, os embates entre *Folha de S. Paulo*, *Rede Globo*, *Carta Capital*, *Veja*, *Istoé*, por exemplo, na disputa da verdade, trouxeram à tona importantes denúncias de transgressões políticas e jornalísticas. Toda essa mobilização contribuiu para a visibilidade dos projetos políticos de Lula e Alckmin.

Em síntese, saliento dois tipos de voto. O primeiro, construído na vinculação ideológico-partidária e na experimentação de mudanças, sem persuasão. O outro, perscrutado pelas pesquisas, gerado na combinação de informações, sensações e identificação com os candidatos provocadas pela propaganda, debates e notícias. Compararam, reagem e votam os eleitores, suscetíveis à argumentação e à provocação simbólica. Esse ainda é o poder do eleitor, que decide à direita ou à esquerda sem saber de seus limites, nestes perversos tempos de espetacularização da política.

*Doutora em Comunicação e Cultura e professora dos cursos de Graduação e de Pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS

Em busca da grande reportagem

Comunicação

José Hamilton Ribeiro, o repórter mais premiado do país, acredita que as novas tecnologias são um desafio ao jornalismo impresso

Ania Chala

Ele diz que a sua melhor reportagem ainda está para ser feita. Aos 71 anos de idade, 51 de profissão, José Hamilton Ribeiro é reconhecido por seu gosto em contar histórias sobre os outros, pelo prazer em revelar personagens. Vencedor de sete prêmios Esso de Reportagem, foi correspondente da revista *Realidade* na guerra do Vietnã, onde perdeu uma perna com a explosão de uma mina terrestre, em 1968.

Trabalhou nas redações da *Folha de S. Paulo*, da revista *Quatro Rodas* e nos programas *Fantástico*, *Globo Repórter* e *Globo Rural*, em que há 25 anos exerce as funções de repórter e editor. Em outubro, junto com outros três jornalistas, conquistou o *Maria Moors Cabot* de 2006, mais antigo prêmio internacional de jornalismo dedicado a profissionais de imprensa dos Estados Unidos e da América Latina cujo trabalho tenha contribuído para a liberdade de imprensa e o entendimento entre as Américas.

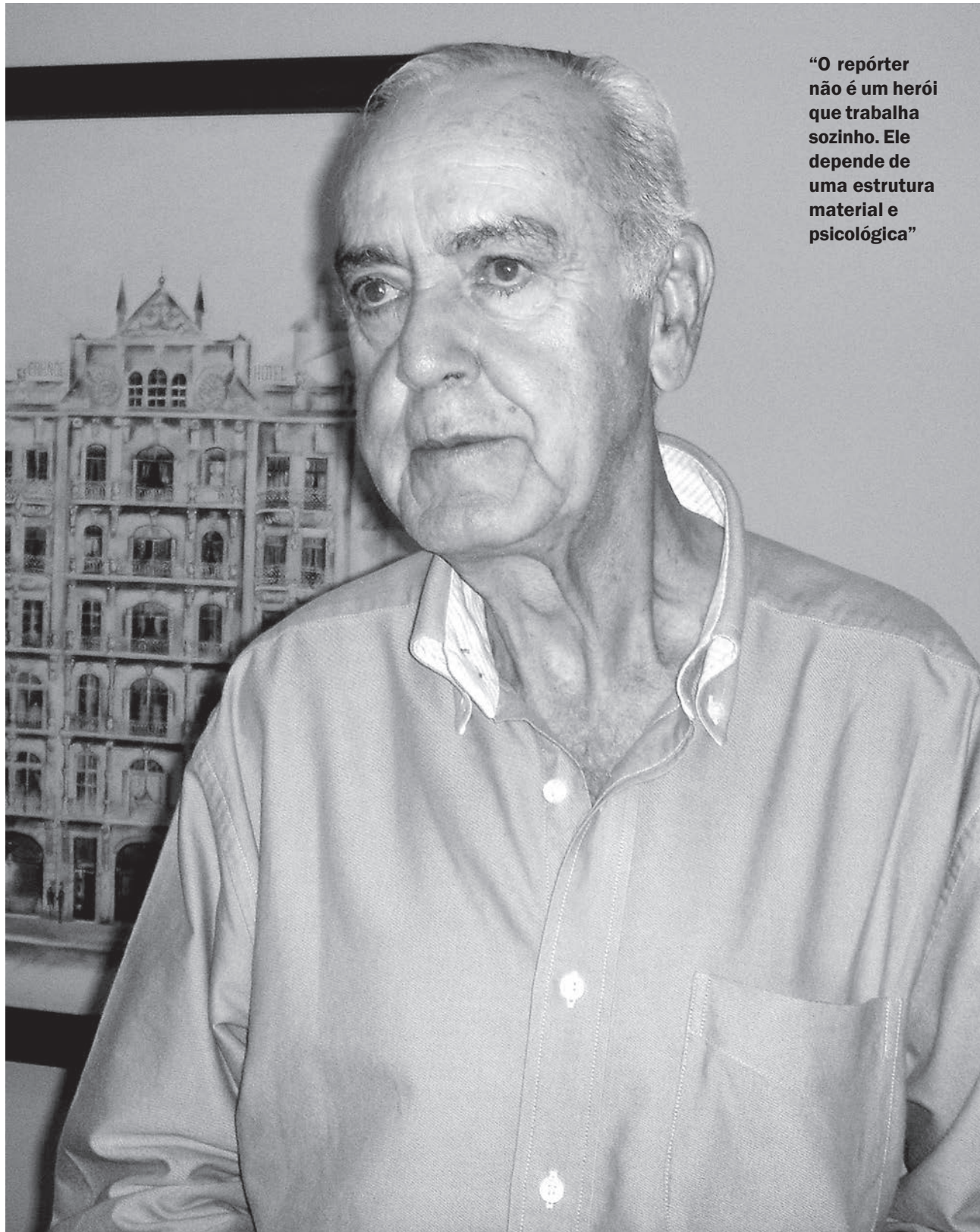
José Hamilton esteve em Porto Alegre e conversou com o *Jornal da Universidade*. Nesta entrevista, completada via *e-mail*, ele fala de seus projetos futuros, das novas tecnologias e da formação dos jornalistas.

Jornal da Universidade – Que assuntos mais te interessam?

José Hamilton – Tenho uma listinha de 10 assuntos sobre os quais pretendo fazer reportagens, mas, quando eu faço um, surge outro, faço outro, e aparece mais outro. Essa lista está sempre se refazendo. Então, acho que a melhor reportagem ainda está por ser feita. Por conta da experiência no *Globo Rural*, gosto de revelar personagens, pessoas do campo, que têm relação com a natureza e que a entendem. Isso dá ao ser humano uma força que não tem valor econômico, mas fornece a segurança psicológica que faz as grandes pessoas. Um grande ser humano não é aquele que tem poder econômico ou político, mas o que ainda tem uma relação com a natureza e com o espírito. Eu procuro encontrar as grandes pessoas que vivem no campo.

JU – Nesses anos todos de *Globo Rural* que pessoas mais te marcaram?

JH – Encontrei tanto personagens humanas, como também personagens da natureza, como um rio, por exemplo. Um rio tem uma psicologia, uma alma que a gente dificilmente descobre, porque não entendemos de rio, como em geral jornalista não entende de nada. Jornalista é uma pessoa que tem de manejar a sua ignorância em cada passo. Já escrevi um livro em homenagem a um jequitibá, o Seu Rosa, que ornava o prédio da pre-



“O repórter não é um herói que trabalha sozinho. Ele depende de uma estrutura material e psicológica”

feitura de Campinas, em São Paulo. Esse jequitibá era mais antigo do que o Brasil e, quando ele caiu, houve tamanha comoção que o prefeito decidiu doar a madeira da árvore para a construção de instrumentos para a Orquestra Sinfônica de Campinas.

JU – Apesar de tua experiência traumática como repórter de guerra, voltarias a fazer este tipo de trabalho?

JH – Tenho uma limitação física e não gostaria de passar pelo constrangimento de não poder correr e terminar sendo responsável pelos ferimentos de outras pessoas. Mas se houvesse um jeito de fazer uma boa cobertura, sem depender da agilidade das pernas, até faria, porque acredito que o perigo no jornalismo é comum a qualquer profissão.

JU – A atuação do repórter ficou mais fácil nas atuais coberturas de guerra?

JH – É cada vez mais difícil o trabalho do correspondente de guerra. Eu cobri o conflito do Vietnã, em que praticamente não houve censura ao trabalho da imprensa. Por conta disso, os jornalistas puderam circular muito livremente e até perigosamente, tanto que é uma das guerras com o maior número de jornalistas mortos e desaparecidos. No Iraque há um controle muito forte, pois os americanos aprenderam com o Vietnã que deixar o jornalista muito solto pode trazer resultados danosos. O controle das autoridades militares sobre a imprensa é tão grande, que a reportagem mais sensacional da guerra, a captura de Saddam Hussein, não teve participação de nenhum jornalista. Ela foi feita por uma equi-

pe de militares, altamente treinada e munida dos mais modernos equipamentos. Hoje temos três tipos de correspondente: o que cobre o quartel-general, a estratégia da guerra, as grandes operações e a logística; o que vai para o *front* junto com os soldados e se desloca com a tropa; e o correspondente independente. Este tem muito mais liberdade, mas enfrenta riscos bem maiores, tanto que diminuiu o número de profissionais trabalhando nessas condições. Numa guerra como a do Iraque, o jornalista sem

“Jornalista é uma pessoa que tem de manejar a sua ignorância em cada passo”

apoio de um dos lados tornou-se um alvo muito fácil.

JU – O grande desenvolvimento das novas tecnologias está mudando o jornalismo?

JH – As novas tecnologias estão levando a uma revisão do jornalismo impresso. Os jornais estão passando por um momento crítico, porque as principais manchetes, as grandes notícias do dia, a televisão já deu, a rádio já divulgou e os *sites* de notícias informaram antes ainda. Por isso, o jornal não pode se limitar a repetir o que já foi noticiado, sob pena de tornar-se desnecessário. Ele precisa ser capaz de dar um tratamento mais interpretativo dos fatos, já que o jornalismo de televisão tem a profundida-

de de um pires. Talvez a saída esteja nessa interpretação qualificada dos acontecimentos.

JU – A ampliação do acesso à Internet tem aumentado o uso de *sites*, *e-mails* e *blogs* por parte de políticos, fenômeno bem visível nas últimas eleições. Como o profissional pode lidar com isso?

JH – A Internet é um manancial de informações, mas é também uma fonte de mentiras, de falsas notícias, de contra-inteligência. O jornalista que se utilizar unicamente desse material corre o risco de ser um profissional impreciso e sem credibilidade. Essa tecnologia é uma ferramenta a mais que o jornalista vai ter, mas não pode ser a única. Ele precisa continuar freqüentando bibliotecas, ler muito, permanecer de olhos abertos, ouvir as pessoas. No capitalismo não existe almoço de graça, alguém sempre paga. E nós jornalistas de alguma forma também seremos cobrados. Quando vejo certas informações na Internet sempre penso em quem está ganhando com isso.

JU – Como tu avalia a formação do jornalista?

JH – Em meus 51 anos de reportagem observei que houve uma melhora muito grande do jornalista brasileiro. Quando ingressei na profissão, o recrutamento se fazia entre porteiros, *office-boys*, motoristas, entre poetas e desajustados em geral que procuravam os jornais e conseguiam se infiltrar nas patotinhas das redações. Eles começavam como contínuos, aprendiam a fotografar e, de repente, viravam repórteres. Era gente que se tornava jornalista a troco de um prato de comida. Hoje, a seleção dos profis-

sionais se dá entre pessoas que cursaram quatro anos de universidade. O material humano é outro.

JU – Então a formação universitária, que é freqüentemente criticada, trouxe mais qualidade para o jornalismo?

JH – Em relação ao que tínhamos antes, sim. Agora, se as universidades estão formando o que deviam, é outra discussão. Acho que as escolas de jornalismo têm as suas dificuldades e precariedades, mas é melhor tê-las do que não ter nada. Tem gente que fala: “Temos que fechar as escolas de jornalismo porque elas são ruins”. Se for para fechar escolas ruins, comecem com as de medicina. Ensino de má qualidade existe por todo o lado, porque o Brasil é um país de escolas ruins, em que boa parte da população mal sabe escrever o nome. Claro que temos ilhas de escolas e de universidades boas, mas essa não é a média nacional.

JU – Quais são as condições para o exercício do jornalismo investigativo no Brasil?

JH – O jornalismo investigativo existe na medida em que existe o repórter investigativo, essa pessoa que tem paciência, método e que busca informações difíceis de serem obtidas. Mas o repórter não é um lobo solitário, um guerrilheiro, um herói que trabalha sozinho ou um justiceiro. Ele trabalha em função de uma estrutura material e psicológica. O repórter está dependendo da redação, seja na organização da pauta, na criação ou na produção. Nosso país está vivendo um mau momento no jornalismo, não por culpa dos profissionais, mas porque as grandes empresas estão com dificuldades econômicas em função de dívidas que assumiram em aventuras fora do jornalismo. Endividadas, restringiram o orçamento do jornalismo, que é um produto caro. O bom jornalismo é muito caro, e o do tipo investigativo é o mais caro de todos.

JU – Como analisas a invasão feminina nas redações?

JH – Quando ingressei na *Folha de S. Paulo*, só havia três mulheres, e hoje a redação é dominada por elas. A consequência é que melhorou a qualidade do jornalismo. Apesar dos cargos de direção ainda estarem nas mãos dos homens, a hegemonia masculina está mudando. Acho que o jornalismo tem condições psicológicas que se ajustam muito bem à mulher, a começar pela curiosidade. A curiosidade é a mãe da fofoca, mas também é a mãe da ciência, porque sem ela nada evolui.

JU – Quais são as qualidades essenciais para um jornalista?

JH – Basicamente, acho que é preciso respeitar a experiência alheia. O jornalista da editoria de geral, por exemplo, a cada vez trata de um assunto novo. Ele precisa assumir a sua ignorância e acreditar que a experiência do outro é enriquecedora para ele. Um traço psicológico necessário ao jornalista é se colocar ao lado do mais fraco, já que o lado forte pode se defender por outros meios. Acho que é uma característica da profissão, de tal maneira que o jornalista que se aproxima do poder, seja econômico ou político, deixa de ser jornalista em sua essência e passa a ser um relações públicas, um assessor, um puxa-saco. Quando se entrega ao fausto do poder, não é mais jornalista.



UFRGS faz seu primeiro Salão de Graduação

Ensino

Evento, realizado em conjunto com o 2º Salão de Educação a Distância, irá mostrar o trabalho de monitores

Ânia Chala

De 20 a 22 deste mês, a Universidade realizará dois eventos voltados para alunos de graduação, professores e pesquisadores de educação a distância: o 1º Salão de Graduação e o 2º Salão de Educação a Distância. Os salões têm por objetivo apresentar e discutir as atividades desenvolvidas nessas áreas, debatendo as possibilidades de interação entre ensino presencial e a distância.

Para o pró-reitor de Graduação, Carlos Alexandre Netto, o Salão de Graduação dará maior visibilidade interna às atividades dessa área. "Há muitas experiências interessantes, tanto nas monitorias e nos estágios de licenciatura, quanto nos grupos do Programa de Educação Tutorial (Pet) e em várias outras atividades relacionadas aos cursos de graduação que precisam ser conhecidas pela nossa comunidade acadêmica. Por outro lado, a discussão e a troca de idéias poderão render novas iniciativas."

Segundo o pró-reitor, os dois salões serão desenvolvidos simultaneamente porque a educação a distância é cada vez mais uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento e a ampliação do ensino de graduação da Universidade. Além disso, houve o entendimento de que seria interessante aproveitar a experiência do Salão de Educação a Distância. "Vamos discutir em conjunto as licenciaturas, tanto presenciais quanto a distância, a questão da tutoria na educação a distância e a monitoria presencial. Também iremos analisar a mobilidade acadêmica e suas perspectivas."

Os cursos de graduação oferecidos pela UFRGS têm monitores em quase todas as disciplinas, o que re-



O monitor Osvaldo Armendaris (à direita) orienta aluno na disciplina de Topografia

presenta um conjunto bastante grande de estudantes, incluindo não apenas os que recebem bolsas, mas também os monitores voluntários. Carlos Alexandre diz que cada departamento recomendou um trabalho de monitoria. "Queríamos que os departamentos reunissem os seus estudantes e que eles apresentassem uma visão de como funcionam as suas monitorias."

Educação a distância – Conforme Julio Alberto Nitzke, secretário de Educação a Distância, as principais ações da educação a distância da UFRGS têm envolvido a oferta de atividades de graduação. "Em nossa universidade as mesmas unidades realizam a graduação presencial e a graduação a distância, cabendo à Secretaria, ao Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação (Cinted) e ao Centro de Processamento de Dados (CDP) oferecer o suporte para isso tudo."

Por conta da iniciativa inédita de juntar o Salão de Educação a Distância com o 1º Salão de Graduação, o secretário espera ampliar a participação do público nas atividades. De acordo com Julio, outro aspecto a ser discutido será a questão da tutoria, fator fundamental na educação a distância. "Queremos

buscar os pontos em comum entre a tutoria e a monitoria, até para pensarmos numa monitoria a distância. A fusão entre as duas funções é algo que já vislumbramos num horizonte não muito distante. Para os cursos a distância estamos prevendo montar pólos de tutoria, com serviços 0800 e computadores. Com essa estrutura, vamos favorecer o aluno e melhorar a qualidade do aprendizado."

Formação do aluno – Um tema que está presente tanto para a área da graduação quanto para a de educação a distância é o da mobilidade acadêmica. De acordo com Julio Nitzke, a questão da dupla diplomação, isto é, a possibilidade de fazer créditos em outra universidade, é cada vez mais presente e isso tudo está diretamente relacionado com a educação a distância. "É preciso um novo olhar sobre esse aluno, e a universidade terá que se reestruturar para trabalhar com toda essa diversidade." O professor acredita que, quando um período de estudos universitários no exterior fizer parte da formação dos estudantes, muitas barreiras serão rompidas. No entanto, será preciso que a universidade esteja preparada tecnicamente, burocraticamente e filosoficamente.

que não ficaram bem claros quando expostos em aula. O simples fato de esclarecer essas dúvidas cria um mecanismo de ensino que possibilitará maior clareza quando eu for desenvolver uma atividade de docência. Acredito que toda e qualquer experiência vivida ao longo desse período que aqui passamos é de extrema importância para nossa formação, assim como nossos futuros projetos vão se adequando na medida que adquirimos experiência em diferentes áreas, estágios e vivências em atividades estudantis. Certamente a monitoria desperta o interesse pela prática de ensino, que é a principal atividade e objetivo dentro da Universidade."

HEITOR TOMÉ R. FILHO
"Aprendi muito sendo monitor na disciplina de Psicologia Geral do curso de Psicologia. Conhecer de

PROGRAMAÇÃO

20/11 Segunda-feira
8h30min – Abertura
9h – Mesa-redonda "Licenciatura presencial e a distância"
Local: Sala II do Salão de Atos
11h – Apresentação de pôsteres e da mostra virtual até 22 de novembro
Local: Salão de Festas - Reitoria
14h – Sessões específicas dos Salões até 22 de novembro
Local: Anexo I da Reitoria

21/11 Terça-feira
9h – Mesa-redonda "Tutoria/monitoria"
11h – Palestra "Objetos de aprendizagem: concepção pedagógica e produção", com Carlos Biescholowski, presidente do Cederj
Local: Sala II do Salão de Atos

22/11 Quarta-feira
14h – Paineis "Mobilidade acadêmica presencial e perspectivas a distância"
17h30min – Premiação EAD e encerramento com concerto multimídia de música eletroacústica da Orquestra de Altofalantes da UFRGS
Local: Sala II do Salão de Atos

perto o trabalho da professora permitiu-me vivenciar aspectos que os estudantes em geral desconhecem, como os desafios em planejar e conduzir uma aula interessante e útil ou avaliar o aproveitamento de uma turma. Pude ensaiar uma outra maneira de trabalho com os estudantes e, em alguma medida, reinventar a formação. Decidi ser monitor na tentativa de melhorar, nem que seja um pouco, a formação dos meus colegas, e por estar insatisfeito com a formação que eu vinha recebendo. Posso dizer sem exagero que ser monitor foi o que deu sentido à minha permanência no curso. Nunca tive planos profissionais muito definidos, mas a monitoria me permitiu conhecer de perto o trabalho do professor na Universidade, e conhecer é fundamental para poder escolher. Essa experiência me acompanhará por toda a vida."

Vitrine dos periódicos

Em Questão

V. 11, nº 2 – julho/dezembro de 2006 – Revista semestral da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Coordenadora: Cida Golin
R\$ 20

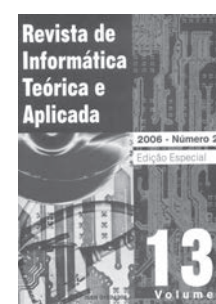


Este número da revista está organizado em dois eixos temáticos: práticas editoriais e as relações entre a cibercultura e

as novas configurações das bibliotecas. Entre os artigos desta edição destacamos o texto de Mateus H. F. Pereira, intitulado "A trajetória da Abril Cultural (1968-1982)", em que o autor narra a história desta empresa, que lançou mais de 200 fascículos, livros e discos no mercado editorial, propondo uma reflexão sobre a produção cultural durante a ditadura militar. O autor também analisa o contexto de desenvolvimento da empresa, a dinâmica editorial de uma coleção e alguns prefácios de fascículos e coleções como *Os Cientistas, Nosso Século* e *Grandes Personagens da Nossa História*. Outro destaque da edição é o debate sobre "A lógica de mercado no discurso jornalístico", dos professores Alda de Almeida e João Batista de Abreu, em que se discute a influência dos modelos de decisão baseados na lógica de mercado no cotidiano da imprensa brasileira. Os autores destacam a dicotomia entre centro-periferia e o olhar do eixo Rio-São Paulo sobre o Brasil, analisando ainda os mitos da instantaneidade e da velocidade da informação.

Revista de Informática Teórica e Aplicada (Rita)

V. 13, nº 2 – setembro de 2006
Revista semestral do Instituto de Informática
Editores: José Palazzo M. de Oliveira e Luis C. Lamb
R\$ 20



Edição dedicada à computação gráfica e ao processamento de imagens que reúne seis artigos escritos especialmente

para este número, a partir da seleção dos tutoriais para o XIX Simpósio Brasileiro de Computação Gráfica e Processamento de Imagens, realizado em outubro de 2006. Para quem não está familiarizado com o jargão da área, tutoriais são minicursos em que o usuário obtém informações detalhadas sobre determinados programas, com exemplos de aplicação e demonstrações. Destacamos o artigo "Introdução à computação gráfica", de Isabel Harb Manssour e Marcelo Cohen, que apresenta os principais conceitos e definições da computação gráfica, abordando técnicas de realismo, animação e visualização. O texto inclui exemplos de aplicações gráficas e descrições dos passos do processo de visualização de imagens.

Experiências de monitoria

O Jornal da Universidade ouviu alguns dos monitores que irão participar do 1º Salão de Graduação para saber de que maneira o trabalho de monitoria auxiliou em sua formação. Eles também disseram até que ponto a experiência fez com que mudassem seus futuros projetos profissionais.

ALEXANDRE KRUSCHKE FIGUEIREDO

"Sou monitor da cadeira de Voleibol Fundamentos do curso de Educação Física e acho que esse trabalho propiciou-me um grande aumento nos conhecimentos sobre o voleibol, além da experiência de trabalhar com iniciação nesse esporte, já que a

cadeira comporta alunos nos mais variados estágios de aprendizado. Antes da monitoria, não tinha nenhuma experiência docente e, hoje, graças a ela, sinto-me seguro para planejar aulas teóricas e práticas, tanto desse quanto de outros esportes ou práticas físicas. Meus projetos profissionais não se alteraram em função do trabalho como monitor. Porém a monitoria, através da possibilidade de prática, ofereceu-me uma formação diferenciada na minha área e inúmeras oportunidades que talvez eu não tivesse fora dela."

OSVALDO ARMENDARIS

"Como monitor nas disciplinas de Topografia e Topografia de Minas, do Departamento de Geodésia do Instituto de Geociências, percebi que as dificuldades encontradas pelos alunos muitas vezes são sobre um mesmo assunto, pequenos detalhes

Escolinha de artes 46 anos de amor

Memória

Fundada pela arte-educadora Iara de Mattos Rodrigues, a escola atende públicos de todas as idades

Sônia Torres

A Escolinha de Artes da Associação dos ex-Alunos do Instituto de Artes (IA) abre suas portas para a comunidade há 46 anos, realizando atividades culturais e oferecendo estágios anuais aos alunos de Educação Artística e de Bacharelado do IA. Criada em 15 de setembro de 1960 como produto do movimento que se opunha aos moldes da educação formal, iniciado no Rio de Janeiro em 1948, a entidade tem o objetivo de reunir artistas, professores e ex-alunos do Instituto, na tarefa de difundir a arte-educação como um meio de libertação e descoberta.

Até 1995, a Escolinha funcionou no Instituto de Artes. Depois disso, instalou-se provisoriamente na Escola Técnica da UFRGS, onde se encontra até hoje com seu arquivo de desenhos e pinturas, um dos maiores acervos do gênero no Brasil. Atualmente, a Pró-reitoria de Extensão e o Instituto de Artes estão empenhados em procurar um novo local para a continuidade desse trabalho.

Desde sua fundação, a Escolinha vem desenvolvendo atividades ininterruptas, com a proposta de evidenciar e valorizar a expressão criadora de crianças, jovens e adultos. O projeto acomoda cursos de História da Arte e da Música, Tapeçaria de Recorte e Arte-Educação, compreendendo atividades de pintura, desenho, modelagem, montagem, colagem, origami, sensibilização musical, jogos dramáticos, além de realizar seminários, encontros, palestras e exposições. De acordo com a coordenadora atual, Patrícia Hausen, a Escolinha acolhe cerca de 90 alunos por semestre.

O modelo de ensino é o proposto pelo pedagogo e arte-educador, Augusto Rodrigues (1913-1993), que pretendia criar um núcleo de apoio ao movimento mundial de arte-educação. Para Rodrigues, “o fundamento desse tipo de educação é levar a criança a explorar e a desenvolver seu mundo interior, além



Crianças reproduzem no papel sua visão de mundo

de integrar-se no mundo exterior”. O surgimento dessa instituição ocorreu em uma fase de intensa renovação cultural no país, na qual artistas, educadores e psiquiatras, a exemplo de Nise da Silveira, ampliaram o âmbito de atuação da arte. Figuras já consagradas no cenário artístico formavam o grupo fundador. Entre elas destaca-se Iara de Mattos Rodrigues, uma das fundadoras, e diretora da Escolinha de Ar-

A arte funciona como fonte de liberdade e autoconhecimento

tes da UFRGS, até 2005. Mas a lista é longa: Fernando Corona, líder do grupo de fundadores, Rubens Galant Costa Cabral, primeiro diretor, Alice Soares, vice-diretora, Alice Brueggemann, Cristina Balbão, Lygia Rothmann, Ângelo Guido (então diretor do Instituto de Artes), Ado Malagoli, Leda Flores, Berenice Gorini, Maria Elizabeth Prates e Dione Greca.

Projeto de vida – O modo de pensar de Iara se fundamentou no reconhecimento por parte de educadores de que a arte está presente em todas as atividades do cotidiano, funcionando como fonte de liberdade e autoconhecimento. Por muitos anos, ela foi professora da Escola Técnica e do Instituto de Artes da UFRGS. Mas foi na Escolinha de Arte que Iara deixou sua marca como pioneira do trabalho de arte-educação no Rio Grande do Sul. “Não se pode separar a vida de Iara Rodrigues dos 46 anos de vida da Escolinha de Arte”, diz o artista plástico e ex-aluno Leandro Selister, coordenador do portal www.artewebbrasil.com.br. Para ele, a professora Iara foi uma das mais competentes e

entusiasmadas discípulas de Augusto Rodrigues, que tinha por ela admiração e respeito profundos.

Por lidar muito bem com crianças, Iara tornou-se uma das maiores especialistas brasileiras em arte-educação e pretendia lançar um livro sobre o assunto, o que, segundo Patrícia Hausen, deverá ser finalizado ainda neste ano.

Na opinião do cartunista Ziraldo, com quem a professora se correspondeu durante anos, Iarina acreditava no sucesso da ligação da arte com a educação e no êxito do estímulo à criação como auxiliar da arte de educar, alertando que trata-se de “uma idéia que não podemos deixar morrer”.

Cecília Machado Bueno e Antônio Manganelli, professores da Escolinha de Arte dizem que, apesar de terem começado ali há pouco tempo, já internalizaram seus princípios. Manganelli, em seu trabalho como professor, aprendeu a conhecer o desenvolvimento gráfico da criança, quando ela reproduz os objetos. “Se forem dados à criança papel e lápis, ela logo começa a riscar. Neste momento, ela vai reproduzir no papel sua visão de mundo. É quando ela começa a se desenvolver. Se for permitido que se expresse, será um aprendizado tão enriquecedor quanto o da escola formal”, diz Antônio.

Nas palavras de Cecília, a Escolinha é um laboratório da sensibilidade. “Age como um núcleo de provocação, complementando e, ao mesmo tempo, questionando a educação formal. Augusto Rodrigues deu-nos a consciência de que o homem pode vir a ser melhor, se lhe forem oferecidas possibilidades de chegar, algum dia, a compreender-se como um ser criador”, avalia.

Segundo a coordenadora Patrícia Hausen, por esse motivo a Escolinha não pretende formar artistas, e sim estimular a utilização do fazer artístico no aprendizado geral. Dos depoimentos dos ex-alunos se verifica a importância dada por eles à passagem pelas aulas e também os diversos rumos pessoais e profissionais que seguiram.

Sempre no coração – Fábio Mentz é músico e acredita ter recebido o maior incentivo de sua vida na

Escolinha. Começou aos nove anos. Gostou tanto, que permaneceu lá até encontrar-se em condições de monitorar os estágios dos alunos do Instituto de Artes. Em seguida, recebeu o convite para participar das reuniões de professores, quando passou a entender a filosofia da escola, que é a de evitar o ensino repetitivo. “A Escolinha foi fundamental na minha vida por seu caráter experimental e lúdico. Boa parte do meu sucesso se deve à capacidade que a Escolinha tem de propiciar crescimento com liberdade de escolha.”

Para Fábio, a experiência ganhou importância porque estabeleceu conexão entre o mundo interior e o exterior, incrementando as relações e as descobertas. O músico fala com a vivência de quem já arrebatou o prêmio Açorianos, em 2003, de melhor instrumental, com o CD “Cantigas”, produzido pela gravadora Núcleo Contemporâneo, em São Paulo. Também participou, em 2001, do projeto Rumos da Música - Cartografia Musical Brasileira do Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural de Porto Alegre (Fumproarte) em parceria com a Fundação Itaú - Música. Para ele, são méritos da professora Iara, que “foi uma lutadora na superação dos obstáculos”.

Quem quiser conhecer um pouco dos resultados do trabalho feito na Escolinha de Artes da UFRGS poderá visitar a exposição anual de trabalhos dos alunos, a ser realizada no Planetário José Baptista Pereira (Av. Ipiranga, 2.000), no período de 10 de novembro a 10 de dezembro. A visitação pode ser feita de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h e das 14h às 18h.

INSCRIÇÕES

Para frequentar as aulas, basta fazer a inscrição na Escola Técnica da UFRGS, situada à Rua Ramiro Barcelos, 2.777, bairro Santana. A Escolinha abre vagas o ano inteiro para adultos, adolescentes e crianças a partir de 4 anos de idade. No início de semestre, é cobrada uma taxa simbólica de matrícula e de material. Maiores informações pelo telefone (51) 3316-5240.

A opinião de artistas e professores

Os depoimentos a seguir atestam o reconhecimento ao trabalho desenvolvido por Iara de Mattos Rodrigues à frente da Escolinha de Artes da UFRGS.

PATRICIA HAUSSEN

“Iara deixou, de alguma forma, uma semente de amor plantada nas pessoas que tiveram contato com ela. Seu jeito, sua fala, seu carinho, sua aura radiante e entusiasmada nos deixou mais sensíveis. Iara tinha uma alma fantástica.”

MARILICE CORONA

“Iarina esteve muito presente em minha vida em dois momentos importantes. Primeiro, na infância quando da minha passagem pela Escolinha. Era uma figura diferente que falava com inteligência e afeto com as crianças. De igual pra igual. Vinte anos depois, realizei o estágio que a Escolinha ainda oferece aos alunos do Instituto de Artes. Em seguida, ela convidou-me a integrar o grupo de professores. Lá permaneci por seis anos. Que bela experiência! Profissional e de vida. Foi ali que aprendi o que é ser professor.”

MIRIAN CELESTE MARTINS

“Acreditar na potencialidade de cada ser humano: talvez seja esta a marca deixada em todos nós por Iara Rodrigues. Com muita luta e compromisso, ela cavou espaços para a experiência com a arte, envolvendo nela educadores de todo o Brasil e deixando marcas ainda mais fortes no Rio Grande do Sul. Sua ressonância continuará em todos nós.”



Iara de Mattos Rodrigues foi pioneira na arte-educação

Ademar Vargas de Freitas

Neste início de século, o movimento negro brasileiro vive nova fase na luta que vem desenvolvendo pela igualdade racial. Quatro fatores impulsionam esse trabalho de conscientização nacional: a inclusão do racismo como crime previsto no Código Penal; a determinação de que a história e a cultura dos negros seja contada em todos os níveis de ensino; o reconhecimento da existência de comunidades quilombolas; e a discussão provocada pela reivindicação de cotas nas universidades públicas.

Acredita-se que os negros brasileiros já passem de 50% do total da população (80% na Bahia, 15% no Rio Grande do Sul). Eles estão em todas as camadas sociais, só que em proporções surpreendentes. Entre os professores da UFRGS, por exemplo, são 5%. Um artista negro ou um jogador de futebol negro podem até ficar ricos, mas 70% dos pobres do Brasil são negros. E entre os que estão abaixo da linha de miséria, passando fome, 80% são negros.

Com esses dados, é fácil entender por que os negros compõem a maioria da população carcerária do Brasil. Só que isso não pode ser usado para justificar o preconceito, a discriminação e o racismo contra mais da metade dos brasileiros. Até porque a transgressão tem origem remota no abandono ao qual as camadas mais baixas da população sempre foram relegadas.

O processo de miscigenação com outras etnias resultou em negros de todas as cores, desde o chamado retinto até o que a hipocrisia brasileira apelidou de pardo, passando pelo mulato e pelo sarará. Para os militantes do Movimento Negro Unificado, todas essas denominações devem ser substituídas pela palavra mais certa: negro. O que pode reforçar a luta contra o preconceito de cor que atinge a todos.

Mas não é fácil atuar numa sociedade que procura desmoralizar qualquer tomada de posição que contrarie a falsa idéia de que o Brasil é uma democracia racial. Mesmo assim, os negros vêm denunciando especialmente o caráter racista da repressão polici-

al, o que é repassado à juventude negra através do movimento musical *hip hop*.

A violência contra os negros também se dá no âmbito da religião, que atualmente sofre ataques por parte de igrejas evangélicas, interessadas em cooptar seus adeptos. Em contrapartida, a cultura negra exerce um processo de sedução sobre o conjunto das classes média e baixa. Tanto que, hoje, a maioria dos pais-de-santo são brancos.

Já pra periferia! – Porto Alegre deu, recentemente, um exemplo de sua capacidade de segregar a cultura afro-brasileira ao deslocar o Carnaval, do centro para a periferia. Como fez, anteriormente, com os habitantes da Colônia Africana (bairro Rio Branco), da Ilhota, do Areal da Baronesa, do Partenon e de outros redutos negros tradicionais, conforme relato do professor e jornalista Iosvaldyr Bittencourt Jr. em artigo no livro “Negro em Preto e Branco, história fotográfica da população negra de Porto Alegre”, organizado pela fotógrafa Irene Santos, com textos das jornalistas Vera Daisy Barcellos e Silvia Abreu.

Empurrando os negros para lugares distantes, como a Restinga e Alvorada, a cidade reproduziu em menor escala o que foi feito no Brasil durante o processo de escravidão, quando as diversas etnias trazidas da África foram misturadas e espalhadas pelo país, de forma a tornar impossível sua reaglutinação.

O advogado e coordenador das Manifestações Populares da Secretaria Municipal de Cultura, Joaquim Lucena, lembra que o Carnaval era um momento ritualístico de concentração em massa da população negra no centro da cidade, uma forma de revitalização do processo de reterritorialização simbólica.

O sociólogo Edílson Nabarro, diretor da Divisão de Qualificação da Pró-reitoria de Recursos Humanos da UFRGS, afirma que a igualdade racial deve interessar a toda a sociedade. “O Brasil nunca será uma nação altiva sem a construção de uma identidade nacional e isso passa pela compreensão de que somos um país multiracial em que a diversidade deve ser encarada como uma virtude e não como um problema.”

Racismo é crime, faça valer a lei

Violações aos direitos humanos por questões raciais só ficavam evidentes quando atingiam pessoas famosas. Agora as pessoas comuns podem se defender com base na lei 9.459, de 1997, que incluiu o racismo como crime no Código Penal. O advogado Antônio Carlos Cortes foi o autor da primeira ação que resultou em condenação por racismo com base nessa lei.

Dona Odete, doceira negra que morava num condomínio humilde, era hostilizada por uma vizinha branca. Além de afixar na

janela a figura de um macaco, a vizinha costumava dirigir-se aos cachorros como se fossem macacos, para provocar a família. Foi condenada a um ano e quatro meses de prisão.

Não cumpriu a pena dessa forma, mas deixou de ser ré primária.

Na década de 90, Cortes moveu ação de dano moral por preconceito em defesa de um jovem negro barrado na porta giratória de um banco estatal. Ele só queria apagar um extrato da conta da mãe, mas foi detido e algemado, permanecendo algum tempo exposto à curiosidade pública na frente da agência. O banco foi condenado a pagar indenização.

Não revide – Cortes aconselha a quem sofrer discriminação ou ofensa por ser negro que mantenha a calma, não revide, junte provas e pelo menos três testemunhas, e procure justiça. Se não puder contratar um advogado, busque a Defensoria Pública (advogados do estado que atuam gratuitamente) ou vá diretamente ao Ministério Público.

Essas instruções são importantes, alerta o advogado, especialmente levando em conta que a lei penal brasileira defende o patrimônio mais do que a vida, e muitos negros que são empurrados para a delinquência vão para a prisão por falta de meios para contratar um advogado ou devido a provas mal feitas. “Os negros que estão nos presídios brasileiros são mais criminosos políticos que outra coisa”, afirma Cortes.



RICARDO DE ANDRADE

Empurrar o Carnaval para a periferia foi um jeito de se livrar dos negros

O advogado e pesquisador da cultura popular Osvaldo Ferreira dos Reis diz que o Carnaval de Porto Alegre foi levado para o Porto Seco porque a sociedade branca não aceita os negros no centro da cidade. “Para eles, o Carnaval não é manifestação cultural, é perturbação do sossego. Mas, o mesmo não ocorre com o desfile de 7 de Setembro e

com o Acampamento Farroupilha. Na verdade, não é o barulho que incomoda, é a presença, a alegria e a descontração do negro.”

Há quase 80 anos, a família de Reis mora num bairro de classe média alta. Esses dias, uma ex-colega de universidade o encontrou na rua e perguntou: “Ué, tu por aqui?”. Como

Consciência
Para construir a identidade nacional, o brasileiro precisa encarar sua diversidade racial como virtude e não como problema

Preto no branco



O negro não pode ser olhado como igual e rejeitado como cidadão

História de luta e de trabalho

O deputado estadual Edison Portilho, que está concluindo seu segundo mandato pelo PT, é ativista do Movimento Negro Unificado e dentre outras bandeiras, defende a igualdade racial e luta para que a anemia falciforme, doença mortal que atinge preferencialmente a população negra, seja prevenida pelo teste do pezinho. Ele diz que é um preconceito considerar o negro como preguiçoso, sem vontade de buscar instrução, sem força para ascender socialmente.

“Os negros têm uma história de lutas no continente africano e uma história de trabalho escravo no Brasil. Trabalharam muito na lavoura de café, no cultivo da cana-de-açúcar, nas minas de extração de ouro e diamante, nas charqueadas, e trabalham muito atualmente, em casa e fora de casa.” O deputado acaba de apresentar projeto de lei pe-

dindo cotas para negros em concursos públicos, mas prevê um trabalho mais longo, a começar pela base: “É preciso resgatar a autoestima das crianças negras”.

Portilho tem recebido denúncias de casos graves de racismo. Em Caxias do Sul, cinco anos atrás, um operário negro foi metralhado dentro de seu Santana Quantum porque a Brigada Militar não acreditou que o carro fosse dele. E em Porto Alegre, anos atrás, um trabalhador, confundido com assaltante por ser negro, foi morto dentro da viatura da BM que o levava para averiguação.

Ele cita também o caso de dois jovens negros que neste ano não puderam prestar exame vestibular porque foram detidos por brigadianos como suspeitos. Na pressa de chegar ao local das provas, tinham saído correndo do táxi que os trouxera. “Eu mesmo já fui discriminado em supermercados, sendo vigiado constantemente por um segurança, negro como eu, que desconfiou de que estivesse tentando furtar alguma coisa”, conta o deputado.

se ele fosse um intruso. Mais difícil que esclarecer uma colega desatenta é sensibilizar o Poder Judiciário para que identifique os atos de preconceito racial mais óbvios.

“Em geral, os juízes não conseguem identificar esses atos, porque, muitas vezes, eles próprios os praticam, contra o porteiro, contra a empregada doméstica, e acabam

concluindo que não há provas suficientes.” Segundo Reis, essa atitude racista perpassa outras camadas da população. “Tanto para o policial militar quanto para o policial civil, o negro é sempre suspeito, isso já está incutido na formação deles. Negro é suspeito e carnaval é bagunça: é isso que temos que transformar.”



FLÁVIO DUTRA

quer lo como espeitado adão

A verdadeira história do negro ainda não foi contada

A mestranda em Educação, servidora da UFRGS e militante do Movimento Negro Unificado (MNU) Vera Rosane Rodrigues de Oliveira considera que a vivência nas senzalas e terreiros levou o negro a ser e pensar de forma diferenciada da de povos que herdaram outro padrão de vida. “Isso fica evidente nos rituais religiosos, no Carnaval, na capoeira... E é o que garante a nossa identidade.”

Ela se preocupa com a formação de professores dos três graus de ensino com capacitação para contar a verdadeira história do negro brasileiro, destacando seus heróis e sua contribuição para a cultura brasileira, como prevê a lei 10.639, reivindicação antiga aprovada em 2003.

Na apresentação dessa lei o autor, senador Paulo Paim, informa que durante o Império os negros foram literalmente impedidos de se alfabetizar. “Isso foi fundamental para determinar quais postos de trabalho seriam ocupados por quem na nova configuração da sociedade brasileira”, diz Vera

Rosane. “Foram tantas as formas criadas para excluir o negro que ele próprio tem dificuldade de perceber esses mecanismos e como operam. É difícil até identificar os ícones negros ao longo da história.”

A ativista considera que, no Brasil, a discriminação é uma questão de marca, de cor de pele, e não de condição social, como nos EUA. “A sociedade brasileira discrimina o negro da mesma forma que discrimina a todos os que fogem ao padrão: o gordo, o alto, o portador de necessidades especiais, o homossexual...”

Citando a própria vivência, ela denuncia a perversidade do racismo, que não permite que o negro se sinta igual nem mesmo entre seus iguais. “Moro numa vila na periferia de Viamão, trabalho na UFRGS, sou formada em Ciências Sociais e estou fazendo pós-graduação. Mesmo assim, meu vizinho, que não tem o mesmo nível de instrução, nem trabalha num local tão qualificado, se sente superior a mim. Por ser branco.”

Terreiros reproduzem o acolhimento dos quilombos

“O negro sofre preconceito, mas o branco também: basta pertencer a uma religião de matriz africana”, diz o babalorixá Baba Diba de lemanjá, alertando para os ataques que os adeptos dos terreiros vêm sofrendo por parte de adeptos de igrejas evangélicas.

Há mais de 20 anos ele lidera a comunidade terreira Ilê Axé lemanjá, na vila São José, fundada há 80 anos por sua bisavó. Baba Diba diz que os terreiros reproduzem, de certa forma, os processos de acolhimento dos quilombos, que aceitavam os excluídos, os diferentes, os necessitados. Além de conforto, harmonização e cura, oferecem assistência e solidariedade. “No inverno do ano passado, quando a Brigada Militar foi mobilizada para expulsar as famílias do Quilombo Silva, nós, de comunidade terreira, fomos lá, levamos nossos tambores e fizemos uma barricada.”

O babalorixá acredita que existam 65 mil terreiros no Rio Grande do Sul, frequentados por um milhão e oitocentas mil pessoas. E diz que ultimamente esses seguidores estão sendo disputados pela Igreja Universal. “Os pastores promovem a diabolização das religiões afro-brasileiras em seus programas de rádio e de televisão e às vezes chegam até a agressão física.”

Além de questões burocráticas, como a necessidade de obtenção de alvará de funcionamento, os terreiros têm outras preocupações. “Recentemente, o Ministério Público de Novo Hamburgo moveu ação tentando normatizar a liturgia dentro de um terreiro ao exigir a presença de veterinário durante os procedimentos da sacralização de animais”, conta Baba Diba.

Aprendendo a ser negra na Jamaica

A professora Maria da Graça Gomes Paiva, colaboradora convidada do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS, conta que tomou consciência de que era negra durante uma estada em Kingston, na Jamaica, como bolsista de intercâmbio, no início da década de 1970.

No campus da Universidade das Índias Ocidentais, foi abordada por lideranças negras de um centro acadêmico que a criticaram por considerar-se mulata e usar uma peruca para esconder os cabelos engrouvinhados. “Ser mulata em teu país dá status social? Traz privilégios financeiros?” Por fim, veio o libelo: “Se não és branca, és negra! Então, te assume como tal!”

Aquilo sacudiu tanto seus conceitos estéticos de beleza européia quanto seus sentimentos. A partir daí, Maria da Graça adotou um padrão de beleza coerente com sua etnia e se percebeu esteticamente mais bela. Durante muito tempo usou cabelo estilo afro, atualmente usa tranças.

Zumbi no lugar de Isabel

O poeta Oliveira Silveira, um dos fundadores do Grupo Palmares, considera o ano de 1971 como o início da fase contemporânea do movimento negro, ao consagrar o 20 de novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra, embora não tenha conseguido torná-lo feriado nacional.

“Nos reuníamos na Rua da Praia, em frente à Casa Masson, para discutir a questão do negro. E concluímos que o dia da morte de Zumbi, herói do Quilombo dos Palmares, era mais significativo para a consciência do negro do que o dia 13 de maio, quando a princesa Isabel assinou a Lei Áurea, que libertou os escravos e os deixou atirados à própria sorte: livres, mas analfabetos e desempregados.”

A morte de Zumbi, no dia 20 de novembro de 1695, encerra o período heróico da luta do Quilombo dos Palmares, que durante 100 anos foi território livre para negros fugidos do cativeiro e abrigo para necessitados, localizado em parte no estado de Alagoas e em parte no estado de Pernambuco.

O Grupo Palmares já se desfez, mas deixou ramificações. Uma delas é a Associação Negra de Cultura, da qual Oliveira Silveira é secretário-geral. O poeta e ativista também participou da edição do caderno “O Negro no Rio Grande do Sul”, publicado em 2005 pela Fundação Cultural Palmares e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Cultura.

Um olhar pode ferir mais do que palavras

Ser negro também pode ser um estado de espírito, como diz o professor de capoeira Éderson Alberto Teixeira Dorneles, 25 anos, aluno do décimo semestre de Educação Física na ESEF. “Tenho um amigo de pele branca e olhos claros que só namora negra e sobe o morro para ir ao pagode junto com a negrada. Ele se coloca como um igual, a ponto de ser considerado negro pelos companheiros.”

Mas Éderson também conhece um negro, até mais escuro que ele, que não namora negra nem admite que se refiram a ele como negro. “Não se sente igual, talvez tenha sofrido algum trauma por causa do preconceito”, presume o capoeirista.

Ele diz que nunca se sentiu discriminado pelos colegas, embora os pais às vezes o olhassem de maneira estranha. “Só fui sentir discriminação ao procurar emprego, depois de ter feito um curso de eletrônica no Parobé.” Implicaram com os cabelos cacheados dele. Nem era rastafári. Sugeriram que cortasse: podia cair algum fio nos aparelhos eletrônicos.

“O que dói mais é o olhar que as pessoas lançam sobre a gente, o olhar é pior do que as palavras”, diz Éderson. Mas ele tem esperanças: “Hoje está muito melhor, até porque já existem leis que nos defendem”. E se dá conta do resultado da mudança: “Agora a coisa é mais velada, o racismo é mais subjetivo”.

“O negro precisa trabalhar constantemente a auto-estima para sentir-se bem numa sociedade que tenta fazer com que se sinta mal”

FLÁVIO DUTRA



Construir um país igualitário é uma luta de todos os brasileiros

O antropólogo e sociólogo caboverdiano José Carlos dos Anjos, professor do IFCH, lança um olhar estrangeiro sobre a questão do negro no Brasil e vê mudanças significativas nas últimas duas décadas. Mas diz que só as lutas coletivas são capazes de mudar a estrutura das relações raciais.

Em 1989, quando ele chegou de Cabo Verde para estudar na UFRGS, o Brasil recém tinha se livrado da ditadura militar (1964-1985). Naquela época, falar da desigualdade racial era quase um tabu, algo reservado ao movimento negro, colocado em descré-

to justamente por denunciar o racismo.

“De lá para cá, a sociedade brasileira vem abandonando o processo de encobrimento da desigualdade racial”, diz o professor. “Para isso, contribuíram muito os estudos de sociólogos como Florestan Fernandes e Octávio Ianni, patrocinados pela Unesco, que colocaram em cheque o mito da democracia racial, inicialmente em nichos sociológicos e no meio intelectual.”

Outro sinal de mudança: há cinco anos, foi regulamentado o processo de titularização das comunidades quilombolas, previsto na Consti-

tuição de 1988. No Rio Grande do Sul, onde se supunha que não existissem, já foram identificadas 150 dessas comunidades negras, às quais o Incra e a Secretaria da Agricultura estão encarregados de devolver terras e aplicar políticas de desenvolvimento sustentável, algo impensável duas décadas atrás.

Segundo o antropólogo, já existe uma percepção mais clara de que a desigualdade racial é um problema efetivo da sociedade brasileira, um problema que envolve a todos e exige a busca de uma solução por parte

das instituições nacionais. “O governo Lula, assim como antes o governo FHC, já reconheceu, inclusive no exterior, que a sociedade brasileira tem um grande problema racial a resolver. Mas, construir um país igualitário é uma luta que deve ser de todos os brasileiros e não apenas do negro.”



União entre fé e política ameaça Islã

Religião

Especialistas avaliam declaração do papa Bento XVI sobre Maomé como uma provocação aos “inimigos” do Ocidente

O ataque, de alguma forma, já era esperado pelo papa alemão, que ainda não havia mostrado a que veio. No dia 12 de setembro, durante palestra na universidade de Regensburg, na Alemanha, Bento XVI utilizou-se da citação de um imperador de Bizâncio, feita seis séculos atrás, referindo-se a Maomé como um profeta que “trouxe ao mundo coisas más e desumanas, como o direito de espalhar a fé pela espada”. Um ano após a publicação de caricaturas de Maomé por um jornal dinamarquês, o novo golpe vindo do Ocidente abalou a frágil diplomacia entre cristãos e muçulmanos.

A declaração revoltou a população em países de maioria islâmica. Como forma de protesto, bonecos representando Bento XVI foram queimados no Egito e na Malásia. Representantes religiosos criticaram severamente o uso da citação, lembrando que é da doutrina islâmica usar da violência somente em caso de defesa. O líder da Al Qaeda, Ayman al-Zawahri, classificou o pontífice como “charlatão”, afirmando que atos cometidos em nome de Cristo é que são inaceitáveis para uma “mente sã”.

Bento XVI reconheceu que houve má interpretação de suas palavras, mas não pediu desculpas formais. Diante de um corpo diplomático de países islâmicos, realizou uma manifestação de pesar por sua declaração ter ofendido aos muçulmanos. Líderes religiosos anunciaram seu perdão ao pontífice, mas fizeram correções históricas ao discurso numa carta entregue ao Vaticano.

Intelectuais se posicionam – A polêmica frase, atribuída ao imperador bizantino Manuel II Paleólogo (1350-1425), é parte de um discurso sobre a relação entre fé e razão. Em artigo divulgado pela imprensa, o historiador Mário Maestri afirmou que o papa pretendia, usando a citação, demonstrar que o islamismo seria incompatível com a racionalidade e, assim, com o próprio ideal democrático. O historiador criticou a incorreção histórica de Bento XVI: “A apresentação da expansão islâmica pela força da cimitarra e do cristianismo pelo poder da palavra violenta igualmente a história e a razão, considerando-se a cristianização na ponta da espada da Europa, África, Ásia e Américas.”

O professor de filosofia da UFRGS Fernando Rodrigues da Rocha considera que o discurso de Bento XVI não pode ser visto como um fato isolado. Seria preciso analisá-lo a partir do pano de fundo da história da Igreja que é pou-

co difundida e, até mesmo, cerceada pela instituição. “A Igreja surgiu dos pobres para os pobres, mas em pouco tempo voltou-se para os ricos, que são quem sustentam seu luxo até hoje.” Rocha resgata o fato de que, no passado, a Igreja Católica foi promotora de inúmeras guerras, aliando-se a príncipes e exércitos para combater os inimigos da fé. O objetivo ainda seria amealhar poder e lucro.

O pensamento de Rocha é semelhante ao defendido pelo sociólogo Boaventura de Souza Santos em artigo para a Folha de S. Paulo. Santos enxerga na declaração de Bento XVI um posicionamento da Igreja Católica ao lado dos poderosos. Como na vez em que João Paulo II se aliou aos EUA no combate ao comunismo, o novo papa agora estaria engajando a fé católica na luta contra o islamismo. “Para ele, ante o avanço do Islã, a resposta tem que ser mais dura, e precisa do poder temporal para se concretizar”.

O sociólogo faz uma analogia da crítica de Bento XVI contra a secularização (desvinculação entre Igreja e Estado) com os ideais de extremistas muçulmanos para a “islamização” da modernidade. Em seu discurso, o papa classificou como irracional a passagem da religião do espaço público para o âmbito privado. Para ele, tal transformação foi fonte de todas as outras “irracionalidades” que atormentam as sociedades contemporâneas. Dessa forma, o líder da Igreja Católica estaria tentando fazer da União Européia um reduto do conservadorismo cristão. Sua oposição à entrada da Turquia (de maioria muçulmana) no grupo, quando era cardeal, seria indício desse objetivo.

Marketing desajeitado – A história do catolicismo, segundo o professor Rocha, revela tentativas de conseguir mais do que o poder espiritual sobre os povos. As investidas da Igreja, como no caso das Missões na América do Sul, seriam um exemplo claro da tentativa de fundar uma teocracia. “Como um organismo fechado, a Igreja tem todo um esquema para esconder o que se passa dentro dela.” As recentes denúncias contra o então cardeal Ratzinger por acobertar crimes de pedofilia, revelam uma das tentativas da Igreja Católica para manter um prestígio que decaiu muito no último século.

Os dogmas cristãos perderam força com a modernização do pensamento ocidental: ainda que se digam católicas, muitas pessoas procuram outras crenças em busca de satisfação no plano terreno. Na visão do professor Fernando Rocha, a declaração de Bento XVI foi uma tentativa desajeitada de *marketing* para conquistar novos adeptos. “Como o Ocidente ainda está impactado pela questão do terrorismo, seria como dizer: ‘Se vocês estão insatisfeitos com os atos de terror que estão por aí, não sejam islâmicos, sejam católicos’. Este é um pano de fundo bastante provável.”

Luiz Ricardo Linch, estudante do 8º semestre de jornalismo da Fabico



FLAVIO DUINA

O Ocidente não pode ignorar a cultura, as tradições e os costumes muçulmanos

“O papa esqueceu que era papa”

O professor aposentado do Instituto de Psicologia da UFRGS Luiz Osvaldo Leite não atribui a declaração de Bento XVI ao acaso. Para ele, é preciso considerar que o papa é um homem altamente qualificado do ponto de vista intelectual. “Na minha interpretação, o papa esqueceu que era papa”.

Por estar numa universidade, falando para um público acadêmico, é possível que tenha se transportado para a época de sua vida em que era professor. “Nós sabemos a liberdade de expressão e debate que existe no meio acadêmico. Quando falou, Bento XVI era mais professor do que

papa”, opina Leite, lembrando que é da doutrina da Igreja que o sumo pontífice nem sempre fale com autoridade papal.

“Acho fundamental analisar o contexto em que ele fala. O papa discursava sobre um tema que lhe é bastante grato: a relação entre fé e razão.” Ao utilizar uma frase agressiva à religião fundada por Maomé, Bento XVI não a estaria endossando.

Para Leite, a preocupação com o ecumenismo está integrada no discurso dos católicos. Desde João XXIII, existe o diálogo da Igreja Católica com outras religiões, o que prosseguiu com Paulo VI, recebeu destaque durante o pontificado de João Paulo II e agora estaria presente

também no pensamento e atitudes de Bento XVI. O professor recorda que um dos principais conselheiros do papa anterior, célebre por sua diplomacia com outras religiões, foi o cardeal Ratzinger.

“Por causa de uma declaração infeliz, gerou-se todo esse descontentamento e mal-estar. Ele talvez tivesse feito melhor não falando.” Leite acredita que Bento XVI não se retratará frente aos muçulmanos, culpa talvez de seu próprio temperamento. “Ele é um alemão muito cioso de sua palavra, muito consciente do que fala e acha que o que diz está certo. Disse que não quis ofender, então, por todo o contexto, isso para ele basta.”

“Declaração infeliz em péssima hora”

O islamismo tem várias correntes e linhas de pensamento. Dessa forma, se alguns muçulmanos revoltaram-se mais acaloradamente, outros acharam apenas que a declaração foi indevida e outros ainda não fizeram caso dela. O presidente da Federação Islâmica do Rio Grande do Sul, Ahmad Ali, está entre os que julgaram o discurso do papa bastante infeliz, mas não crê que houve intenção de agredir o islamismo.

Ali acredita que as palavras do imperador bizantino Manuel II deveriam ser desconsideradas, pois, quando as proferiu, era um líder ferido. “Ele havia perdido todas as guerras contra o Império Otomano, é natural que iria agredir seus oponentes.” Na opinião de

Ali, Bento XVI foi infeliz ao resgatar um fato de tantos séculos atrás para falar dentro de uma universidade. “Mesmo que tenha sido apenas uma gafe, veio em péssima hora.”

O incidente contribuiu para agravar a situação atual que, para Ali, é repleta de conflitos em que os adeptos do islamismo sofrem muita perseguição e opressão em todo o mundo. Ele lamenta que o Ocidente, até hoje, ignore o fato dos muçulmanos terem sua cultura, seus costumes e suas tradições. “Devem ter respeito por nós, pois merecemos. E também temos a obrigação de respeitar a religião deles, como no passado o islamismo sempre fez.”

A caminhada, hoje em dia, segundo o representante islâmico, é em busca das soluções pacíficas,

pois a religião em si, não induz à guerra, à violência, à ocupação de territórios, à exploração do homem pelo homem e ao terrorismo. “Quem faz tudo isso é o próprio ser humano, a responsabilidade é das lideranças políticas. Acho que pacificar é uma palavra importante para todos nós.”

Como explica Ali, todas as religiões buscam o bem-estar do homem. Porém, existem elementos que se infiltram nas lideranças religiosas e passam a instigar atos de violência. “Essas pessoas tentam explorar seus crenças, aqueles que têm fé. E aquele que tem fé é cego. Se eles dizem que querem criar um mundo melhor, têm que trabalhar de forma correta, honesta e séria.”



Prêmio Pritzker de Arquitetura fala a estudantes da UFRGS

Urbanismo

Aos 79 anos, Paulo Mendes da Rocha seduz e emociona com seus projetos e concepções holísticas do conhecimento arquitetônico

Jacira Cabral da Silveira

Meia hora antes de começar a palestra, no anfiteatro da Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre, dia 27 de setembro, o arquiteto Paulo Mendes da Rocha, prêmio Pritzker de Arquitetura 2006, dava autógrafos, cumprimentava professores e posava para fotos ao lado de estudantes e admiradores. A palestra foi assistida por mais de 700 pessoas, no anfiteatro da FFFCMPA e diante do telão instalado na Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Quem acessou o *site* da Prefeitura de Porto Alegre também pôde ver e ouvir Paulo Mendes da Rocha, que visitou a capital gaúcha a convite da UFRGS.

O arquiteto capixaba foi o segundo brasileiro a receber o Prêmio Pritzker de Arquitetura, seu antecessor foi o arquiteto Oscar Niemeyer, em 1988. Conforme o presidente da Fundação Hyatt, Thomas J. Pritzker, no dia da revelação dos premiados, “Paulo Mendes da Rocha demonstrou um profundo entendimento de espaço e escala através da grande variedade de edifícios que projetou, de residências particulares, complexos de moradia, uma igreja (na verdade foram duas), museus e estádios esportivos e planejamento urbano para espaço público. Enquanto alguns de seus prédios foram executados fora do Brasil, as lições a serem aprendidas do seu

trabalho, como arquiteto praticante e professor, são universais.”

“**Nascemos para continuar**” – Desde a saudação em sua palestra para o curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS, Paulo Mendes evidenciou sensibilidade, não apenas ao descrever seus projetos, mas também no uso das palavras: “Continuamos com os outros e através dos outros”, disse, quando se referiu aos estudantes no auditório, a quem prosseguiu falando num misto de sedução e afetividade, por certo, condição inevitável em suas aulas.

Antes de descrever alguns de seus projetos, Paulo Mendes da Rocha discorreu sobre o compromisso do arquiteto no desempenho de seu trabalho: de sua consciência profissional e de sua criatividade ao intervir no ambiente para deixar sua marca. Para ele, a arquitetura surge da tomada de consciência do arquiteto com relação ao momento histórico em que vive, além do seu conhecimento armazenado. Nesse sentido, o professor recomenda que cada um procure responder para si mesmo: “Em que condições e consciência estou fazendo isto?”.

Esta consciência profissional também se dá na relação do profissional com a natureza – produto fundamental de suas ações – na intenção de transformá-la. “A ponto de torná-la habitável, pois a natureza não é nada gentil e precisa ser vista como força fenomenológica.” Para ilustrar a ação transformadora do homem em seu meio, relatou o espanto do astronauta que, anos depois, retornou ao espaço e viu novamente a Terra. Nesta segunda vez sua exclamação evidenciou as marcas da ação do homem no planeta. Já não disse “a Terra é azul”, como da primeira vez, mas “agora a Terra tem luz própria”. É isso que Paulo Mendes da Rocha quer dizer quando fala em deixar sua marca.

Esta “capacidade de transformar não é mais questão de poder fazer tudo, mas do que fazer”. Segundo o palestrante, a ação do arquiteto deve estar alicerçada em sua reflexão sobre fatos que se colocam à sua criação – aspectos geográficos e sociais. “Não é simplesmente inventar algo ou alguma coisa.” Por outro lado, critica uma cultura na qual a arquitetura é vista como demanda de mercado: “Arquitetura não é produto, mas uma forma peculiar de conhecimento holístico. É o estímulo indispensável – seja qual for o objetivo do conhecimento – para promover a

habitabilidade do planeta, como resultado do êxito da técnica”.

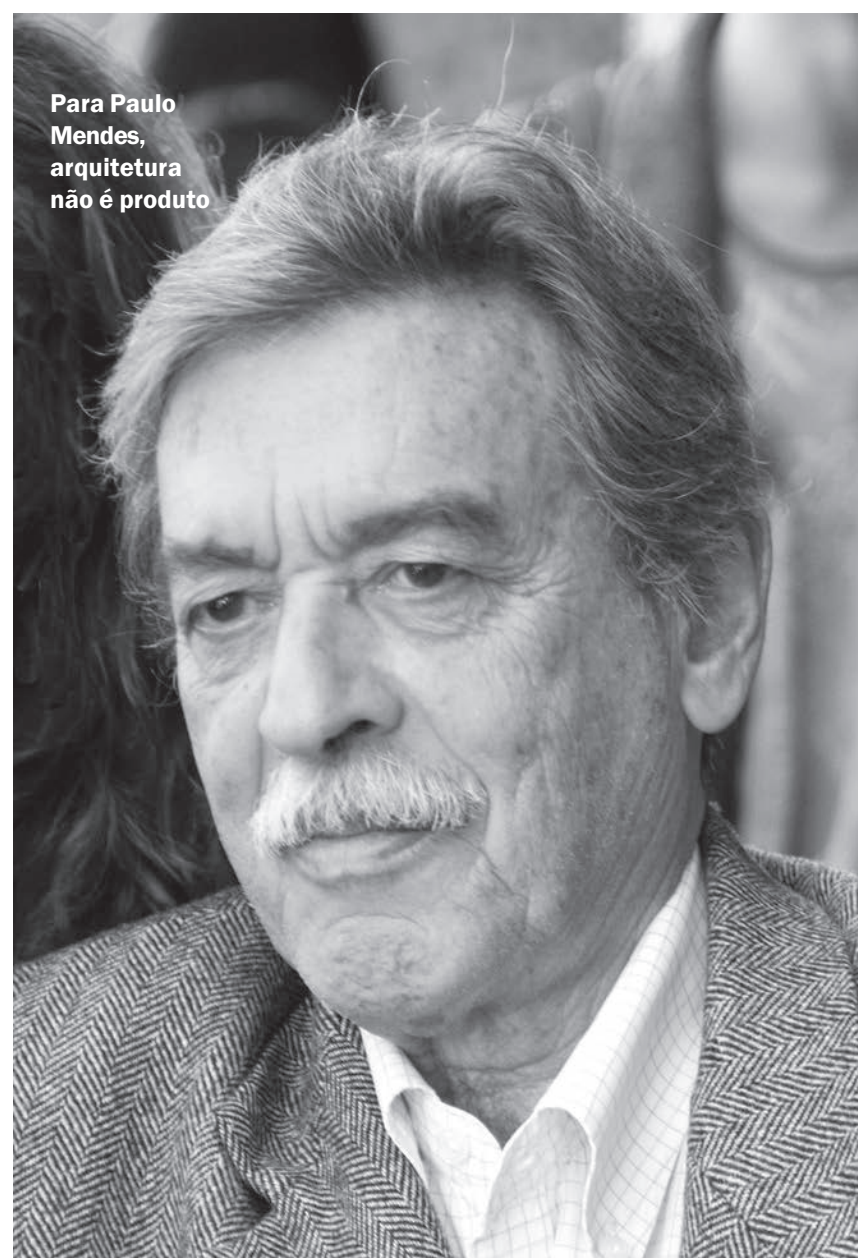
Esta oposição ao conceito de demanda de mercado também foi explicada em entrevista à revista *Caros Amigos* quando afirmou que o mercado como única razão não presta. “Se você tem confiança no homem, pode dizer que o mercado não existe por si. Podemos fazer um pacto: Do que nós gostaríamos? De uma *new left*, quem sabe. A esperança suprema é a consciência dos homens, o mercado não pode construir o mundo.”

Projetos – Aos 79 anos, o arquiteto segue dando aulas, prestando consultoria e fazendo projetos. Uma semana antes de receber a notícia sobre o Prêmio Pritzker de Arquitetura 2006, estava no espaço cultural Casa Vilanova Artigas, em Curitiba, ministrando um curso de maquete. Em outubro, começou a execução do mais recente projeto que desenvolveu para o *campus* da Universidade de Vigo, na Espanha. A partir de consultoria e levantamento topográfico, ele diz ter rabisado suas primeiras idéias para resolver arquitetonicamente os problemas impostos pela geografia local. Ele próprio ficou surpreso com a aprovação imediata de seus “traços iniciais”, logo que os apresentou em reunião com professores e dirigentes de Vigo.

Se no início de sua carreira era criticado pela prevalência de concreto em suas obras, o que pôde ser visto nos trabalhos apresentados na palestra aos estudantes da UFRGS foi a variedade, tanto dos materiais empregados como da combinação entre eles. Além, é claro, do aproveitamento dos elementos naturais como material fundamental de suas obras. Exemplo desta mistura são os projetos das capelas São Pedro, em Campos do Jordão, e Nossa Senhora da Conceição, em Recife. Ele mescla alvenaria, concreto e vidro. Em ambos os projetos aparece a laje em balanço com um grande pilar no centro, sendo que a de Recife tem campanário.

Ao encerrar sua palestra, Paulo Mendes foi aplaudido de pé e, mais uma vez, atendeu a cada uma das solicitações de fotos e autógrafos.

Aplausos e aplausos – Mais do que filas para tirar foto ou conseguir autógrafo, o arquiteto e professor da UFRGS, Edson da Cunha Mahfuz, espera que as idéias de Paulo Mendes repercutam entre os estudantes, pois diferente de 90% do que é construído no Brasil, a obra do arquiteto premiado denota uma abordagem relevante e uma consistente prática cultural. Contudo, ele acredita que embora os estudantes percebam



Para Paulo Mendes, arquitetura não é produto

RICARDO CALONI

que o palestrante tem razão, não se sentem sensibilizados.

Segundo o professor, existe atualmente, entre os alunos do curso de arquitetura, uma supervalorização das possibilidades tecnológicas do computador na prática arquitetônica. Ele critica esta atitude reducionista, pois, do seu ponto de vista, projetar é muito mais do que delegar a um instrumento a resolução de problemas colocados ao profissional.

Neste sentido, Mahfuz reforça a importância do tipo de trabalho desenvolvido por Paulo Mendes, que utiliza o computador apenas como ferramenta: “Ele é muito racional, jamais vai decidir adotar uma forma, simplesmente pela aparência”. Quanto aos estudantes, o professor comenta: “Nossos alunos confundem o que o computador permite fazer com o que eles deveriam fazer em termos de soluções arquitetônicas.”

Além do reconhecimento da obra do arquiteto, Mahfuz considera que o Prêmio Pritzker beneficia também a arquitetura brasileira, dando-lhe maior visibilidade no âmbito internacional. Por outro lado, o professor afirma que o profissional brasileiro tem muito o que aprender com o trabalho de Paulo Mendes. “A arquitetura que ele faz não é de moda”, comenta, reconhecendo o valor da obra e criticando profissionais da área que trabalham de acordo com as tendências.

O profissional e suas obras

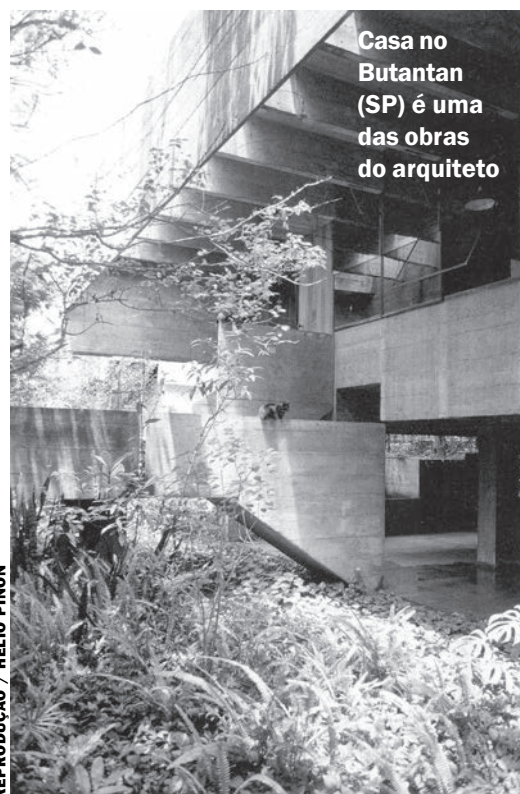
Formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, em 1954, Paulo Mendes da Rocha é considerado um dos principais expoentes de uma geração de arquitetos paulistas, formada a partir de 1951. Iniciou sua carreira ao vencer o concurso para o Ginásio do Clube Atlético Paulistano, em 1957. Além das inúmeras obras no Brasil, principalmente em São Paulo, ele também marcou a arquitetura mundial. Em 1972, participou da final do concurso para o projeto do Centro Pompidou, em Paris, e desenhou o pavilhão brasileiro na Expo’70 de Osaka, Japão.

Principais trabalhos

- Museu de Arte de Campinas, na Unicamp, São Paulo
- Museu de Arte Contemporânea, com Jorge Wilheim, São Paulo
- Museu Brasileiro de Arquitetura e Centro Cultural da Fiesp, São Paulo
- Ginásio do Clube Atlético Paulistano, São Paulo
- Terminal Rodoviário de Goiânia, Goiás
- Estádio Serra Dourada, Goiás
- Terminal Rodoviário de Cuiabá, Mato Grosso
- Pavilhão do Brasil na Exposição Mundial de Osaka, Japão

Prêmios

- Bienal Ibero-americana de Madri (trajetória profissional)
- Museu Nacional de Belas Artes (prêmio Vitruvius)
- Arquitetura Latino-americana (prêmio Mies van der Rohe)
- Bienal Internacional de São Paulo (Ginásio do Clube Paulistano)



Casa no Butantan (SP) é uma das obras do arquiteto

REPRODUÇÃO / HÉLIO PINON

No dia 25 do mês passado, completou 79 anos. Nasceu na casa dos avós maternos, na cidade de Vitória, no Espírito Santo. A família era numerosa: o avô era construtor de estradas e havia um tio médico que exerceu grande influência na vida de Paulo. “Só pra você ter idéia, ele ensinava a gente a empalhar. Uma vez, peguei um peixe extraordinário,

um baiacu de espinho, aquele maiorzão, de dois palmas, que tem uns espinhos que só aparecem quando ele é ameaçado, como o porco-espinho. Trouxemos pra casa e esse tio explicou uma série de coisas sobre aquele fenômeno biológico incrível, aquele peixe meio monstro, e nos fez empalhar o peixe, ensinava como fazer aquilo”, lembra ao

conversar com um grupo de estudantes. Seu pai também deixou marcas importantes, tanto no homem como no profissional que viria a ser. O nome dele era Paulo de Menezes e foi um grande engenheiro, de família baiana, formado no Rio de Janeiro. A ele, Paulo Mendes atribui seu contato muito cedo com a engenhosidade do mundo e a

possibilidade de transformação das coisas. Foram vivências que alimentaram sua visão sobre a idéia de projeção, a relação entre idéia e objeto, “Vivi coisas extraordinárias, inclusive fatos da história do Brasil: a crise de 1929, a revolução de 1932, em São Paulo. Meu pai foi preso em 1932, estivemos afastados por quase cinco anos...”.

Marcas de família



Brasil: do iberismo ao americanismo

Enno D. Liedke Filho*

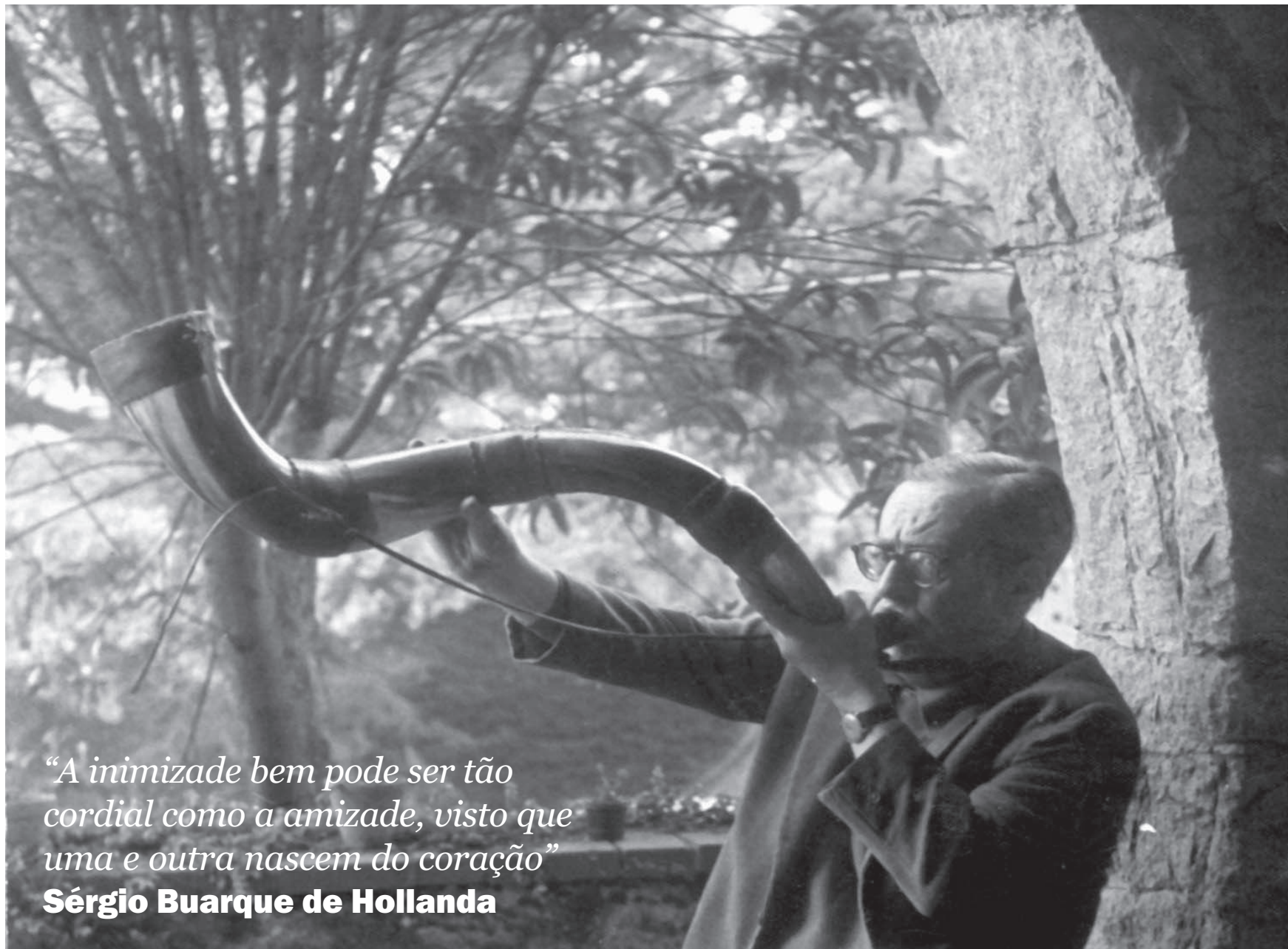
Se você, leitor, fez o teste do quadro abaixo sobre os candidatos eleitos, certamente já percebeu a atualidade da obra *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, cujos 70 anos de publicação estão sendo comemorados, com releituras, seminários e debates. Desta obra, a noção de cordialidade típica do brasileiro, proposta pelo historiador e sociólogo, foi a idéia que tem se prestado a múltiplas e, por vezes, profundamente equivocadas, interpretações.

Este artigo assume que essa noção só é passível de pleno entendimento se compreendida no contexto da grande transição histórica – incompleta, então, na década de 30 do século passado, segundo o autor – que a sociedade brasileira vivenciava; transição desde uma dominância plena do iberismo para uma dominância crescente e desejada do americanismo, o qual, “brincando” com o título de outra obra do autor, poderíamos classificar como uma visão muito particular do paraíso possível nesta terra-pátria. As noções de iberismo e de americanismo possuem um sentido extremamente particular e inovador na obra de Sérgio Buarque de Holanda, distinguindo-se das noções correntes que tendem a conceber, positivamente a primeira, enquanto “herança ibero-lusitana”, e negativamente a segunda, colando-a ao *american way of life* e à ideologia expansionista-predatória do império americano.

Consideramos que a relevância e a fragilidade das contribuições histórico-teóricas e políticas de *Raízes do Brasil* emergem das inovações e ambigüidades conceituais do tratamento da problemática articuladora dessa obra – a reconstrução da história social brasileira desde suas origens ibéricas para apreender o sentido e as insuficiências da grande revolução brasileira, compreendida como democratização da sociedade, da cultura e da política nacional. A hipótese que sugerimos é de que essas inovações e ambigüidades se dão pela utilização, sem contido ocorrer a explicitação plena, de dois tipos ideais (no sentido metodológico weberiano), polares, de *étnos* sócio-cultural e político – iberismo e americanismo – que imantam o conjunto da obra, articulando o seu argumento.

Para uma releitura do clássico – Nos primeiros cinco capítulos, o autor busca apreender a formação histórica das características básicas do iberismo no Brasil, em um processo em que, em um Mundo Novo, uma Velha Civilização foi implantada, mais pelo aventureiro do que pelo trabalhador. O iberismo caracteriza-se por culto à personalidade, falta de hierarquia, ausência de espírito de organização espontânea, ânsia de prosperidade sem custo, concepção da inteligência como ornamento e prenda, bem como por cordialidade e individualismo.

Nos capítulos 6 e 7, Sérgio Buarque de Holanda realiza um balanço da grande transição que então se configurava na sociedade brasileira e das perspectivas sócio-culturais e políticas de dominância do americanismo em um contexto marcado pelo personalismo, pelo caudilhismo. Enquanto o oposto do iberismo, o americanismo tem a sua noção sugerida no Capítulo



“A inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, visto que uma e outra nascem do coração”
Sérgio Buarque de Holanda

7 – Nossa Revolução –, sendo suas principais características: a sociabilidade; a existência de hierarquia ainda que com mobilidade; o espírito espontâneo de organização, combinado com quietismo e ordenação; o espírito de sacrifício na busca de prosperidade associado ao trabalho; uma concepção de inteligência como recurso instrumental; e o predomínio da neutralidade afetiva e do comunitarismo.

O “homem cordial” e suas interpretações – Do conjunto de características dos dois tipos polares, nenhuma mereceu destaque maior do que a sugerida cordialidade típica do iberismo. O homem cordial, expressão tomada de empréstimo do escritor Ribeiro Couto (1898-1963), refere-se, segundo Sérgio Buarque, “à lanheza no trato, à hospitalidade, à generosidade”, que representam um traço definido do caráter brasileiro.

Em longa nota ao capítulo sobre o Homem Cordial, o autor reafirma que a noção de cordialidade sendo “estranha, por um lado, a todo o formalismo e convencionalismo social, não abrange, por outro lado, apenas e obrigatoriamente, sentimentos positivos e de *concordia*. A inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do coração, procedem assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado”. Consideramos que um aspecto relevante da noção de cordialidade tem escapado à crítica, dificultando o entendimento da obra de Sérgio Buarque: a possível influência do conceito weberiano de ação afetiva, a qual é “especialmente emotiva, determinada por emoções e estados sentimentais atuais”.

Podemos sugerir que, para dar conta das transformações ocorridas nestes últimos 70 anos e da situação vivida hoje pela sociedade nacional, este argumento e a tensão histórica entre iberismo e americanismo talvez possam ser relidos à luz dos conceitos de revolução passiva e de transformismo propostos por Antonio Gramsci,

o que permite compreender plenamente a atualidade da conclusão de Sérgio Buarque de Holanda de que “a democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido”.

Quando da primeira edição de *Raízes do Brasil*, isso ocorria porque “uma aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, aos seus direitos e privilégios”. Hoje, vive-se em nosso país uma situação de democracia inconclusa, em que a dominação liberal-conservadora, “temperada” pelo iberismo e sua “cordialidade” típica, subordinada aos interesses financeiros internacionais, é potencializada pelo transformismo – o qual se caracteriza pela apropriação, pelas classes dominantes, das bandeiras históricas das classes subalternas, e pela cooptação de suas lideranças mais significativas –, e encontra seu contraponto em uma sociedade civil amorfa, em que predomina a luta individualizada pela sobrevivência diária.

A grandeza e otimismo parcimonioso de *Raízes do Brasil* se revela quando, frente à transição inconclusa desde a dominância plena do iberismo para a desejada dominância do americanismo, Sérgio Buarque de Holanda explicita uma visão do paraíso possível em nossa terra-pátria, declarando que o Brasil necessita de uma “revolução vertical”, capaz de “trazer à tona elementos mais vigorosos, destruindo para sempre os velhos e incapazes”. Em outras palavras, somente quando vencida a antítese liberalismo-caudilhismo, quando liquidados os fundamentos personalistas e aristocráticos e superada a dominância da cordialidade atávica, “teremos finalmente revogada a velha ordem colonial e patriarcal, com todas as conseqüências morais, sociais e políticas que ela acarretou e continua a acarretar”.

* Professor colaborador convidado do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFRGS

Eleições 2006: quem são os eleitos

Este teste foi elaborado a partir das idéias de Sérgio Buarque de Holanda para ajudá-lo a entender quem são realmente os candidatos eleitos. Parte-se da certeza – como cidadãos de bem que somos – de que a Justiça Eleitoral eliminou(ará) das listas eleitorais os corruptos e todos os tipos de delinqüentes, identificados e processados, por isso o teste só trata das idéias e ações políticas dos candidatos.

1) Selecione um candidato eleito na última eleição e verifique se prega/valoriza itens do iberismo ou do americanismo. Some os pontos: ____.
2) Como “pregar não é necessariamente agir”, verifique se o eleito age conforme itens do iberismo ou do americanismo. Some os pontos: ____.
3) Some os pontos obtidos em 1 e 2, divida por 2, e veja “qual é”, de fato, a postura política do eleito.

Pontos	IBERISMO	AMERICANISMO	Pontos
0	Culto à personalidade	Valorização da sociabilidade	1
0	Frouxidão da estrutura social e falta de hierarquia organizada; indolência displicente das instituições e costumes sociais	Estrutura e hierarquia social ainda que com mobilidade; solidez das instituições e dos costumes sociais	1
0	Ausência de espírito espontâneo de organização	Espírito espontâneo de organização	1
0	Ânsia de prosperidade sem custo; repulsa à moral fundada no culto ao trabalho	Espírito de sacrifício na busca de prosperidade; moral fundada no culto ao trabalho	1
0	Concepção da inteligência como ornamento e prenda	Concepção de inteligência como recurso instrumental	1
0	Cordialidade e individualismo	Neutralidade afetiva e comunitarismo	1

Fonte: Quadro elaborado a partir das idéias de Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*.

0 - 1,5 pontos – O iberista. Para ter certeza de que o eleito é realmente o que parece ser, verifique se ele é ou gostaria de ser latifundiário, coronelista, elitista, machista e/ou racista.

2 - 4 pontos – O ibero-americanista. Tipo híbrido, que alguns pensam ser transitório, mas que se revela como uma permanência “camaleônica” secular na política nacional, com risco de sofrer endemicamente de “cordialismo” e de estar sempre “aberto” a algum tipo de “fisiologismo” ativo ou passivo.

4,5 - 6 pontos – O americanista. Para ter certeza de que o eleito é realmente o que parece ser, refaça o teste, incluindo os seus principais amigos e aliados.

Patronos de ontem, de hoje e de amanhã

Literatura

Patrono, ex-patronos e patronáveis da Feira do Livro de Porto Alegre ressaltam a importância do livro na sociedade contemporânea

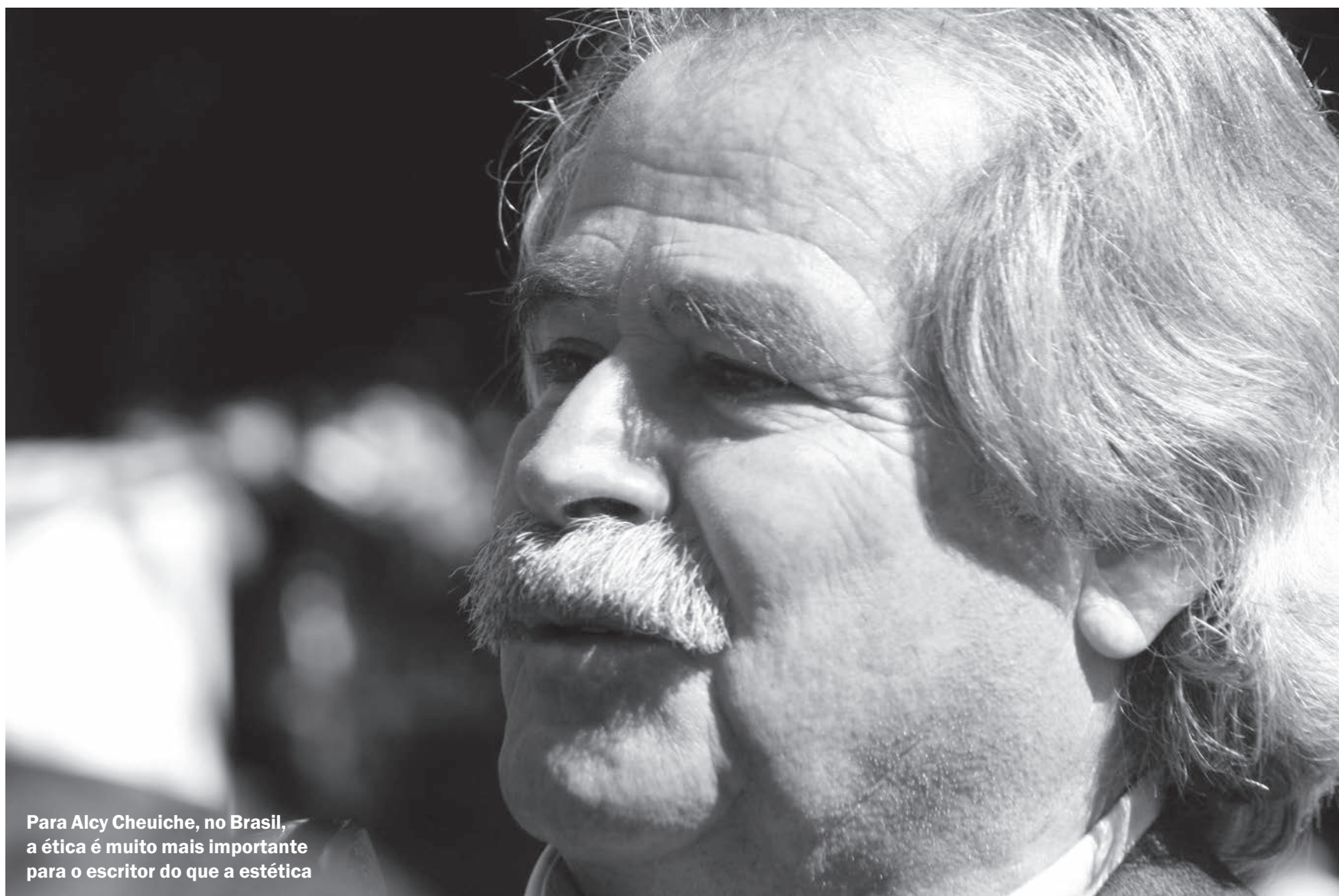
Marcelo Spalding*

Sim, a Feira do Livro de Porto Alegre é um evento midiático, um factóide – ainda que em prol do livro – e como tal precisa escolher uma personalidade que a represente nas fotografias dos jornais. Não, o patrono não é necessariamente o melhor escritor gaúcho do seu tempo, tampouco o mais conhecido ou o mais popular. O patrono é exatamente essa personagem necessária à Feira e à mídia, que ganhou tanta força e carisma ao longo dos anos que hoje se torna referência para o debate intelectual e comercial sobre o livro e a leitura.

Figura criada a partir de 1984, quando o patrono passou a ser um escritor ainda vivo, tornou-se tão importante que atualmente os próprios escritores consideram que ser patrono é o maior prêmio que se pode receber. Não surpreende que a própria escolha tenha se tornado assunto na cidade: a Câmara Rio-grandense do Livro, instituição que organiza o evento, lista dez nomes de patronáveis e os submete à votação dos ex-patronos e de algumas entidades ligadas ao livro. O mais votado é anunciado como patrono.

Jane Tutikian, professora da UFRGS apontada como patronável pela Câmara do Livro em diversas oportunidades, associa a importância que a sociedade dá ao patrono ao envolvimento que o escolhido tem com o evento. “O patrono não é mais uma pessoa distante, que aparece na abertura e no encerramento. Ao contrário, participa ativamente da Feira e discute a política cultural e o incentivo à leitura”.

Ruy Carlos Ostermann, patrono em 2002, integra um seletivo grupo de



Para Alcy Cheuiche, no Brasil, a ética é muito mais importante para o escritor do que a estética

ex-patronos que se encontram para discutir e trocar idéias, uma espécie de conselho, batizado por ele de Copa. Esse grupo abriu uma de suas reuniões para a mídia, em que participaram os escritores Walter Galvani, Donaldo Schüller, Luiz Antônio de Assis Brasil, Frei Rovílio Costa e, claro, o próprio Ostermann.

Incentivo à leitura – Como único representante da imprensa, provocativamente perguntei o que pode fazer um patrono nos demais trezentos e tantos dias do ano em que não se tem Feira do Livro, num país em que a literatura é relegada a plano secundário. Pensava-se, por exemplo, na informação contida no Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) do governo federal de que atualmente o índice de leitura no Brasil é de 1,8 livro por habitante por ano, baixo se comparado à Colômbia, onde o índice é de 2,4 livros, e baixíssimo em relação aos Estados Unidos, 5, e à França, 7.

Walter Galvani, patrono em 2003, cita um projeto belíssimo de um pintor de Taquara que montou uma biblioteca comunitária, o

que motivou todos a lembrarem de como o escritor é benquisto pela sociedade gaúcha, graças a atividades como a Feira do Livro e o Autor Presente, do IEL. Mas imediatamente Luiz Antônio de Assis Brasil, patrono em 1997, pondera: “Infelizmente, a venda não chega a corresponder a esse afeto que a gen-

“Se a Ana Terra chegasse hoje ao Rio Grande do Sul, onde iria parar?”

te sente dos leitores, tanto que o Quintana tem edições encalhadas. Ele não vende, e foi talvez o escritor mais querido do Estado.”

Para o romancista e professor da PUCRS, o baixo índice de leitura não tem solução fácil, tampouco pode ser resolvido pelos próprios escritores ou editores: “A Câmara é a entidade que mais faz pelo livro, mas há circunstâncias que não podemos controlar, como a economia

nacional. O nível de leitura que existe hoje está dentro das possibilidades sócio-econômicas brasileiras”. Nesse sentido, Ostermann diz que os escritores devem desenvolver atitudes e criar instâncias de discussão.

A realidade do mercado – Neste ponto, Ostermann faz referência à pirataria de livros, especialmente a partir das cópias xerográficas, e Donaldo Schüller, patrono em 2004, inverte a perspectiva, culpando os próprios livros por esta situação: “O xerox devia ser mais caro do que o livro, mas não é”. O próprio Schüller, entretanto, pondera que a situação mudou nos últimos cem anos e para melhor: “Monteiro Lobato distribuía os livros dele em farmácia, porque não tinha livraria no Brasil; o Mario de Andrade publicou com recursos próprios 800 exemplares de *Macunaíma*”.

Patrono desta 52ª. edição da Feira, Alcy Cheuiche explica o baixo índice de leitura pelo “analfabetismo, semi-analfabetismo e falta de dinheiro para comprar livros”, lembrando que “só lemos ainda razoavelmente no Brasil porque uma

pequena porcentagem de leitores incide sobre uma grande população”. Para o autor, exatamente por isso o livro segue sendo uma espécie de tribuna, o que faz com que “a ética, em um país como o nosso, seja muito mais importante para o escritor do que a estética”.

Num país em que falta pão, é difícil lembrar que faltam livros. Parece evidente, entretanto, que a mobilização de intelectuais em prol da causa ajuda a trazer à tona questões como o baixo índice de leitura e o analfabetismo funcional brasileiro. Também o poeta Luiz Coronel, patronável por diversas oportunidades, afirmou que se chegar a patrono “tem muito a sugerir, pois o projeto Feira do Livro deixa espaços abertos para aprimoramentos”, disposição semelhante à de outros patronáveis. Desta forma, espera-se que, um dia, não se precise de um evento como a Feira para se falar de livros nem se precise exigir que escritores façam mais do que escrever bons livros e contar boas histórias.

* Jornalista formado pela Fabico e mestrando em Literatura Brasileira

UFRGS abriu as portas da Capital para novo patrono

O patrono da 52ª Feira do Livro de Porto Alegre não nasceu na Capital, nem a Capital é o cenário predileto de sua literatura. Nascido em Pelotas em 21 de julho 1940, mudou-se aos quatro anos de idade para Alegrete e apenas aos 18 veio morar em Porto Alegre depois de prestar vestibular na então Faculdade de Agronomia e Veterinária da UFRGS. Dono de uma vasta obra narrativa e poética, membro vitalício da Academia Rio-grandense de Letras e sócio fundador da Associação Gaúcha de Escritores, Alcy Cheuiche é mais reconhecido por seus romances históricos, nos quais os críticos dizem que ele encontrou seu verdadeiro caminho na literatura brasileira. *Sepé Tiaraju: romance dos Sete Povos das Missões* (1975) foi vertido para o espanhol – em edição que se esgotou em cinco meses – e para o alemão; *Ana Sem Terra* (1990), além

de também ter sido publicado na Alemanha já está na oitava edição no Brasil; *A Guerra dos Farrapos* (1984) rendeu-lhe o prêmio literário Ilha de Laytano, assim como *Nos céus de Paris: romance da vida de Santos Dumont* (1998) arrematou não apenas prêmios como foi responsável pela concessão da Medalha Mérito Santos Dumont, uma das maiores honrarias da Força Aérea Brasileira, ao escritor. Sobre esses romances e o patronato, fala Alcy Cheuiche:

JU – Em seu site há uma declaração de que os críticos acham que o senhor encontrou seu lugar na literatura brasileira a partir do romance histórico. O senhor também percebe isso?

Alcy Cheuiche – Comecei a gostar de romances históricos desde criança, ao ler *Os Doze Trabalhos de Hércules*,

de Monteiro Lobato. No curso secundário, descobri que sabia os nomes de todos os deuses e heróis da mitologia grega e que os fatos compartilhados pelo pessoal do Sítio do Pica-pau Amarelo tinham custado muito estudo ao autor do livro. Na adolescência, lendo Dumas, Victor Hugo, Erico Verissimo, Simões Lopes Neto, também aprendi muito sobre a história da França e do sul do Brasil. Assim, quando escrevi meu primeiro romance histórico, *Sepé Tiaraju*, estava consciente do que desejava: contar os principais fatos sobre as Missões Guaranis de uma maneira paradidática, isto é, quando a ficção não interfere na realidade dos fatos históricos. A crítica percebeu que foi o primeiro romance sobre os nossos índios desde o século XIX. Mas bem diferente e com outra intenção que *O Guarani*, de José de Alencar, graças a Deus.

JU – Quando o senhor planeja um livro, há a preocupação em ser fiel à história ou acredita que toda história é uma versão da história?

AC – Para escrever um romance histórico, primeiro é preciso que o tema me cativasse. Isso porque irei dedicar ao livro dois a três anos de pesquisa e redação. *Ana Sem Terra*, por exemplo, nasceu de uma pergunta que fiz a mim mesmo: se a Ana Terra do Erico Verissimo chegasse hoje ao Rio Grande do Sul, numa carreta de bois e sem recursos, onde iria parar? Certamente debaixo da lona preta dos sem-terra. A partir dessa idéia, precisei estudar a fundo a questão agrária e toda a problemática social e política brasileira no período ditatorial de 1964-1985, época em que se passam os acontecimentos narrados no livro.

JU – Por que o RS tem tantos

romancistas que se debruçam sobre a história?

AC – Os romancistas e poetas do Rio Grande do Sul fazem o que aconselhava Tolstoi: buscam o universal no pátio da sua própria casa. Dona Mafalda me contou que Erico pediu emprestados da Biblioteca Pública 150 livros de história do Rio Grande do Sul e do Prata, para estudá-los antes de começar a escrever *O Tempo e o Vento*. Se os nossos historiadores não fossem competentes seria difícil encontrar motivação e bibliografia para escrever romances sobre a nossa própria história.

JU – O que o senhor espera do patronato?

AC – Além de ser um grande prêmio literário, significa uma generosa exposição na mídia. É a hora de despertar nos outros a vontade de ler e de escrever.

EXPOSIÇÃO

Homem-natureza: cultura, biodiversidade e sustentabilidade

Mostra realizada a partir de parceria entre o Museu da UFRGS e a Copesul, que propõe a descoberta do meio ambiente através da arte e da ciência. Visitação: até 29 de dezembro. Local e horário: Museu da UFRGS, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h e sábados, das 10h às 17h. Entrada franca. Agendamento de visitas guiadas pelos telefones 3316-3034 e 3316-4022.

Sala dos passos perdidos

O grupo Passos Perdidos é composto por alunos e professores de Artes Visuais da UFRGS, que trabalharam diretamente sobre as paredes da galeria-atelier Subterrânea. O nome do grupo e da exposição origina-se da expressão *salle des pas perdus*, salas de espera das estações de trem nas quais os passageiros transitam provisoriamente. Visitação: até 24 de novembro. Local e horário: galeria-atelier Subterrânea, das 14h às 18h. Agendamento de visitas pelo telefone 3312-5161. Informações no site grupopassosperdidos.blogspot.com



ANTÔNIO AUGUSTO BUENO

TEATRO

Deus

Em meio a uma crise criativa, atriz decadente e escritora sem inspiração descobrem-se como personagens de ficção. Perdidas entre os limites da realidade e da ilusão, elas transitam pelo universo das convenções teatrais, com a intervenção de insólitas figuras que as acompanham nesta bem-humorada busca pela resposta e uma das mais inquietantes dúvidas existenciais: o sentido da vida. Sessões: 1º, 8, 22 e 29 de novembro (quartas-feiras). Local e horários: Sala Qorpo Santo, às 12h30min e às 19h30min. Entrada franca.

TAINAH DADDA/TEATRO, PESQUISA E EXTENSÃO



MÚSICA

Baile de Carnaval

Espetáculo criado especialmente para o Unimúsica 25 anos - festa e folguedo que encerra a programação do projeto este ano. O repertório contempla os compositores mais representativos da época do auge das marchinhas nos bailes de carnaval, os anos 30, 40 e 50, que marcaram gerações e se mantêm vivas na memória cultural brasileira. O show reunirá grandes nomes do cenário local e nacional da música brasileira como: Jussara Silveira, Mônica Tomasi, Mário Carvalho, Alex Jardim, Huberto Rosa, Fernando do Ó, Giovanni Berti, Ricardo Arenhaldt, Cristóvão Bastos, Luizinho Santos, Toneco da Costa e Nelson Coelho de Castro. Data: 9 de novembro, quinta-feira. Local e horário: Salão de Ato, às 19h. Entrada franca com retirada de senhas para ingresso a partir de 6/11, no Museu da UFRGS.



CARLA RUAS

Destaque

Cara nova para o estande da UFRGS na Feira do Livro

Espaço ganhou imagem comemorativa aos 35 anos da Editora

O novo visual tem como ênfase a comemoração do aniversário da Editora da UFRGS. O estande para a 52ª Feira do Livro foi produzido em alumínio anodizado, vinil padrão escovado e nas cores prata e preto, apresentando programação visual com a logotipia da Universidade e selo comemorativo aos 35 anos com *design* criado pelo professor Airtton Cattani. Este ano, a Editora ocupa a banca de número 13, localizada na Rua dos Andradas, próximo do banco Itaú e do estúdio da TV Pampa. O tradicional balcão oferecerá títulos a partir de R\$ 3. Como já é tradição durante o ano todo nas Livrarias da UFRGS, a Editora oferece desconto de 20% nas obras para o público em geral. Algumas, porém, terão o desconto promocional de 35%. Toda a produção editorial da Universidade estará à disposição, com destaque para os últimos lançamentos. O estande funcionará das 13h às 21h, até o encerramento da Feira, no dia 12 de novembro. Para acompanhar a programação



FÁBIO DUINA

A Editora espera os leitores no estande 13

da Feira do Livro, basta acessar o site www.feiradolivro-poa.com.br

Sessões de autógrafos

06/11 – segunda-feira
16h30min - Ambientes virtuais de aprendizagem: desenvolvimento e avaliação de um projeto de educação ambiental - Marcelo Leandro Eichler e José Cláudio Del Pino. Local: Praça de autógrafos. 18h - Dicionário de trabalho e

tecnologia - Antônio David Cattani e Lorena Holzmann (orgs.) Local: térreo do Memorial do RS. 19h30min - Neohegemonia americana ou multipolaridade? Pólos de poder e sistema internacional - Paulo Gilberto Fagundes Vizentini e Marianne Wiesebron (orgs.) Local: Praça de autógrafos.

09/11 – quinta-feira
17h30min - Residência solidária UFRGS: vivência de universitários

com o desenvolvimento de uma tecnologia social - Rosinha Carrion, Igor Vinicius Lima Valentin e Beatriz Centenaro. Local: Praça de autógrafos.

10/11 – sexta-feira
17h30min - Ensino de engenharia: do positivismo à construção das mudanças para o século XXI - Fernando Schnaid, Milton Antonio Zaro e Maria Isabel Timm (orgs.) Local: Praça de autógrafos.

CINEMA

Baile de Carnaval

Dentro do projeto Unimúsica, a Sala Redenção exibe neste mês uma série de documentários que exploram temáticas relacionadas ao carnaval.

CARNAVAL, BEXIGA, FUNK E SOMBRINHA (Brasil, 2006, 63 min), de Marcus Vinicius Faustini. Uma radiografia do trabalho feito pelos mais de 70 blocos existentes na zona oeste do Rio de Janeiro, que mantém viva a tradição do carnaval de rua. Data: 6 de novembro, segunda-feira. Local e horário: Sala Redenção, às 16h. Entrada franca.

FILHOS DO SAMBA (Brasil, 2004, 52 min), de Germano Fehr e Tomás Carvalho. Os compositores de sambas são o tema deste documentário, que vai ao subúrbio desvendar a identidade de personagens tão populares e, paradoxalmente, tão anônimos, que são a alma do samba brasileiro. Data: 8 de novembro, quarta-feira. Local e horário: Sala Redenção, às 16h. Entrada franca.

PROYECTO MURGA – LA MATINEE (Uruguai, 2005, 90 min), de Sebastián Bednarik. A história do carnaval uruguaio e de um movimento cultural único no mundo: as murgas, grupos de artistas que percorrem a cidade, cantando, dançando e atuando com temas populares. O carnaval uruguaio tem a peculiaridade de ser quase totalmente teatral, se estendendo por 40 dias de festa, do fim de janeiro ao começo de março. Data: 10 de novembro, sexta-feira. Local e horário: Sala Redenção, às 16h. Entrada franca.

Antes que termine o dia

(EUA/Inglaterra, 2004, 92 min), de Gil Junger. Casal termina namoro e se envolve em grave acidente. No dia seguinte, o homem percebe que acordou novamente no dia anterior, tendo a chance de refazer tudo o que tinha feito antes. Exibido pelo projeto Nete/Cinema, que promove a exibição de filmes debatendo questões sobre espiritualidade, saúde e educação. Data: 13 de novembro, segunda-feira. Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min. Ingresso: R\$ 5 (estudantes da UFRGS podem pagar com 1kg de alimento não-perecível).

A História vai ao cinema com Aplicação

Projeto do Colégio de Aplicação da UFRGS realizado em parceria com a Sala Redenção, que prepara para o vestibular na área de história. Sessões seguidas por debates com professores convidados. Informações pelo telefone 3316-6984.

TEMPOS DE VIVER (China, 1994, 125 min), de Zhang Yimou. A trajetória de uma família chinesa em um espaço de 30 anos, desde a revolução popular até os anos 70, época de profundas transformações. Data: 8 de novembro, quarta-feira. Local e horário: Sala Redenção, às 19h. Ingresso: R\$ 1,50.

ENTRE O CÉU E A TERRA (EUA, 1993, 140 min), de Oliver Stone. Durante a Guerra do Vietnã, jovem vietnamita é torturado pelos dois lados das forças em conflito. Ela se casa com um sargento americano e vai morar nos EUA, mas não se liberta dos velhos rancores e preconceitos. Data: 15 de novembro, quarta-feira. Local e horário: Sala Redenção, às 19h. Ingresso: R\$ 1,50.

ADEUS, LÊNIN! (Alemanha, 2003, 118 min), de Wolfgang Becker. Pouco antes da queda do muro de Berlim, mulher entra em coma e fica desacordada durante os dias que marcaram o fim do regime comunista alemão. Quando ela desperta, seu filho teme que a excitação causada pelas mudanças possa lhe prejudicar a saúde e decide esconder-lhe os acontecimentos. Data: 22 de novembro, quarta-feira. Local e horário: Sala Redenção, às 19h. Ingresso: R\$ 1,50.

5º Vaga-lume

A Sala Redenção e o Laboratório de Infografia e Múltimesos (Limia) do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais apresentam a mostra de vídeo experimental Vaga-lume, que busca estimular a criação artística e incentivar a produção de vídeo-arte de alunos da UFRGS. Serão exibidos 25 produções de estudantes de graduação e pós-graduação e de seis professores do Instituto de Artes, além de trabalhos de artistas convidados da Espanha. Datas: 29 e 30 de novembro, quarta e quinta-feira. Local e horários: Sala Redenção, às 12h30min e 19h. Entrada franca.

Antropologia no cinema

Exibição de documentários vencedores do prêmio Pierre Verger de Vídeo Etnográfico, da Associação Brasileira de Antropologia. Debate com convidados ao final das sessões.

O ARCO E A LIRA (Brasil, 2001, 18 min), de Priscilla Barrak Ermel. A história acompanha Ambagá, índia Kolem Gavião, na expressão de seus sentimentos amorosos. Data: 9 de novembro, quinta-feira. Local e horário: Sala Redenção, às 19h30min. Entrada franca.

PASSAGEIROS DE SEGUNDA CLASSE (Brasil, 2006, 21 min), de Kim-ir Sem, Waldir Pina e Luís Eduardo Jorge. Um olhar cinematográfico humanizado do interior de um manicômio, no qual os pacientes são submetidos ao abandono, isolamento e eletrochoques. Data: 16 de novembro, quinta-feira. Local e horário: Sala Redenção, às 19h30min. Entrada franca.

II ciclo de cinema do George

Ciclo promovido pela Sala Redenção, Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (Geerge) e Programa de Pós-graduação em Educação. Após cada sessão, debate.

HABEAS CORPUS (Brasil, 2005, 20 min), de Débora Diniz e Ramon Navarro. Documentário sobre o sofrimento de uma jovem mulher do interior de Goiás. Grávida de 5 meses de um feto que não sobreviveria ao parto ela é impedida de interromper a gestação por um *habeas corpus*. Data: 23 de novembro, quarta-feira. Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min. Entrada franca.

UMA HISTÓRIA SEVERINA (Brasil, 2005, 23 min), de Débora Diniz e Eliana Brum. A história de Severina, impedida por uma liminar do Supremo Tribunal Federal de antecipar o parto do filho que nasceria sem cérebro. Data: 23 de novembro, quarta-feira. Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min. Entrada franca.

Fronteiras do audiovisual

Ciclo de filmes desenvolvido pelo Núcleo de Cinema e Comunicação da Fabico em parceria com a Sala Redenção. A atividade integra-se ao trabalho de discussão sobre as convergências tecnológicas do Grupo de Estudos de Cinema.

MATRIX (EUA, 1999, 136 min), de Andy e Larry Wachowski. Em um futuro próximo, jovem programador de computador é atormentado por estranhos pesadelos nos quais se encontra conectado por cabos a um imenso sistema de computadores. O encontro com dois misteriosos personagens prova que seus pesadelos não estão longe da realidade. Datas: 6 e 7 de novembro, segunda e terça-feira. Local e horário: Sala Redenção, às 19h. Entrada franca.



REPRODUÇÃO

AMNÉSIA (foto) (EUA, 2001, 120 min), de Christopher Nolan. Ladrão ataca um casal, terminando por matar a mulher e deixando o homem à beira da morte. Ele sobrevive, mas torna-se incapaz de gravar na memória fatos recentes. Apesar disso, inicia uma jornada pessoal para vingar o assassinato de sua mulher. Datas: 20 e 21 de novembro, segunda e terça-feira. Local e horário: Sala Redenção, às 19h. Entrada franca.

Onde?

- Galeria-atelier Subterrânea. Av. Independência, 745 - subsolo
- Museu da UFRGS. Av. Osvaldo Aranha, 277
- Sala Qorpo Santo. Av. Paulo Gama, s/nº
- Sala Redenção. Av. Paulo Gama, s/nº
- Salão de Ato. Av. Paulo Gama, 110

Manuela D'Ávila

Objetivo A deputada federal mais votada no Rio Grande do Sul quer ser professora universitária

A foice, o martelo e os livros

Ademar Vargas de Freitas

Manuela diz que não entendeu bulhufas quando a televisão anunciou que tinha caído o Muro de Berlim, em 1989: na época, estava com apenas 7 anos de idade. A compreensão do mundo, a visão política e a opção pelo Partido Comunista do Brasil (PC do B) desenvolveram-se devagar, mas solidamente, a partir de sua entrada no movimento estudantil.

Ela se elegeu vereadora em 2004, aos 23 anos de idade, e no mês passado, aos 25 anos, foi a candidata a deputada federal mais votada no Rio Grande do Sul. Concorrendo pela coligação PT-PC do B, fez 271.939 votos, quase 1% dos votantes gaúchos. “Embora tenha sido exaustiva, com muito corpo-a-corpo, e até tenha caído um eucalipto em cima do meu carro, a campanha foi bonita e alegre, e pude perceber o carinho das pessoas por mim.”

Esta vitória a levará a novas opções na vida. A partir de janeiro de 2007, Manuela vai passar mais da metade da semana em Brasília, e durante o mandato pretende estudar. “Não sei se concluo o curso de Ciências Sociais na UFRGS ou se entro no mestrado da UnB (Universidade de Brasília). Meu sonho é ser professora universitária. Quero lecionar Sociologia da Comunicação ou Teoria da Comunicação. Mas gosto também de Geopolítica e de Relações Internacionais. Sou nova, tenho tempo.”

Política estudantil – Na UFRGS, ela participou do Centro de Estudantes de Ciências Sociais (CECS). Na PUCRS também procurou se integrar, mas como nunca havia eleição, acabou saindo. Ao se eleger vereadora, já milita-



“Luto para construir o socialismo, mas enquanto isso não posso aceitar que pessoas morram de fome.”

FLAVIO DUINA

va na União Nacional dos Estudantes (UNE) e na União da Juventude Socialista (UJS), da qual hoje é presidente no estado.

“No movimento estudantil, defendíamos alianças amplas, mas o PT, naquele momento, tinha uma visão unitária, o que foi decisivo para a minha opção, em 1999, pelo PC do B, que entende a juventude e pratica uma política contemporânea sem perder os princípios de defesa do marxismo, do leninismo e da compreensão de partido.”

Manuela conta que, na época, o partido, fundado em 1922, tratava de superar suas limitações. “Da queda do Muro de Berlim até ali, foram anos de reafirmação. O comunismo cometeu erros, mas não morreu, ele existe. Eu vi o PC do B se reagrupar e crescer. Atualmente tem três mil filiados no Rio Grande do Sul e 80 mil no Brasil.”

Ela acha que seu partido poderia ter crescido mais, mas preferiu tomar posição firme em defesa do presidente Lula, pela convicção de

que seu governo representou um avanço para o país, o que teve um preço: “Nos últimos dois anos, passamos por um processo quase que de linchamento político por parte da esquerda brasileira a partir dos veículos de comunicação.”

Mesmo assim, o partido avançou junto aos movimentos sociais, sindicatos, jovens e professores. “Vamos continuar na luta por esse crescimento politizado”, garante Manuela. “Elegemos um senador pelo Ceará, Inácio Arruda, atual líder da banca-

da do partido na Câmara os Deputados. Ele fez 7,5% dos votos para o Senado no país, o que não acontecia no PC do B desde a eleição de Luiz Carlos Prestes, em 1946.”

A futura deputada Manuela D'Ávila diz que não tem a pretensão de estar preparada para atuar na Câmara, mas está confiante porque vai integrar uma bancada forte e respeitada. “O PC do B terá 13 deputados, inclusive Aldo Rebelo, que foi reeleito e é um profundo conhecedor da história e do povo do Brasil.”

Menina doce e responsável tem infância cigana

Manuela Pinto Vieira D'Ávila nasceu a 18 de agosto de 1981, às 7h18min, em Porto Alegre. Para a mãe era a quarta filha, mas para o pai foi a primeira. A mãe, Ana Lúcia, tinha três filhas do primeiro casamento, Luciana, Carolina e Mariana; casou com Alfredo e teve mais um casal, Manuela e Fernando.

O pai dava aulas no curso de Engenharia Agrícola na UFPel, em Pelotas, e a família peregrinou por várias cidades do sul do estado até retornar a Porto Alegre. Tanto que Manuela fez o jardim e o pré em Estância Velha, a primeira

série e a metade da segunda em São Lourenço, estudou até a quarta série em Pedro Osório e até a oitava série em Rio Grande, concluindo o segundo grau em Porto Alegre. Sempre em escolas particulares.

Em 1999, fez vestibular para Ciências Sociais na UFRGS e para Jornalismo na PUCRS. Passou e cursou os dois até o sexto semestre, enquanto participava do movimento estudantil e fazia pesquisa na UFRGS com bolsa do CNPq. Por fim, trancou a matrícula na UFRGS e formou-se em jornalismo na PUCRS.

Manuela foi uma criança doce,

mas decidida. Aos 4 anos, declarou que ia parar de ir à creche porque lá todo mundo era chato. Aos 5, para não incomodar a mãe, omitiu o recado da professora do jardim para que só retornasse à aula quando estivesse livre dos piolhos. Aos 8 anos, decidiu abandonar os ensaios de balê na escola por achar muito alto o preço do traje que usaria na apresentação.

“Mas brinquei muito e sempre me senti muito feliz. Só sofri mesmo com as mudanças de cidade. Essas transições sempre foram muito doídas. É muito triste para uma

criança largar a escola, os amiguinhos.”

Na escola, era bagunceira, embora responsável. Com 9 anos voltava para casa de ônibus, com o irmão caçula. E era dedicada aos estudos, gostava de ler. “Minha irmã mais velha fazia ficha de leitura comigo, e a cada três livros que lia eu ganhava um presente, uma caixa de bombom, um disco. Era um estímulo. E a gente ia lendo e gostando de ler.”

Briga entre irmãos, sempre houve, mas a família era unida e a casa era um lugar de respeito e de confiança. Aos 14 anos, Manuela começou a ter

pressão baixa, o que tinha a ver com a obesidade. “Até os 17 anos, eu era gordinha, bem gordinha, gorducha mesmo. Consegui emagrecer porque não tinha neurose e ninguém da minha família fazia pressão. Sempre me deixaram ser feliz.”

Após entrar para a política, Manuela teve dois momentos que lhe recordaram a infância. No primeiro ano do mandato de vereadora, pegou piolho. E este ano, durante a campanha que a levou a ser eleita deputada federal, reencontrou sua primeira amiguinha, Raquel, que ainda mora em Estância Velha e é bailarina.

SER COMUNISTA

“Não conheço ninguém que tenha se tornado comunista ou socialista apenas por ter lido *O Capital*, de Karl Marx. Essas coisas vão se agregando ao longo da vida, num processo que tem relação direta com questões humanitárias. Depois se aprofunda a leitura e se compreende essas questões dentro do contexto político e ideológico. Dez anos atrás, eu dava esmolas na rua; hoje, me pergunto se isso adianta, se é essa a luta que devemos fazer.”

BASE MILITAR

“Há uma situação bélica instalada no mundo contra o avanço do socialismo, que cresce conforme se resiste ao neoliberalismo. Os

Estados Unidos têm uma política de terror sem precedentes na história da humanidade: fazem guerra quando querem, contra quem querem, mantêm bases militares pelo mundo. Aqui, na Tríplice Fronteira (Brasil, Paraguai, Argentina), tem uma base dessas.”

UMA SOCIEDADE MELHOR

“A gente abre mão de muita coisa para lutar por uma sociedade melhor. Ao jovem que pretenda entrar na política, aconselho que siga um ideal, sem esperar benefício pessoal. Infelizmente, o neoliberalismo conseguiu implantar um espírito individualista nas pessoas, e isso se reflete na política, mas essa ambição só prejudica..”

REFORMA UNIVERSITÁRIA

“Quando era da UNE, participei da construção do anteprojeto de reforma universitária. Agora vou ter o orgulho de participar do debate e votação do projeto na Câmara. Acho que devemos pensar em financiamento, em assistência estudantil.”

REACIONÁRIO BURRO

“Há uma arrogância muito grande em quem acha que resolvendo a si próprio vai ser feliz. A professora Mercedes Cânepa, que dava aula de política brasileira na UFRGS, dizia que os conservadores foram tão burros que não se deram conta de que a exclusão que criaram atormentaria a eles próprios. Quer ser reacionário? Tudo bem, só que a arma vai acabar sendo apontada para a tua cabeça.”

COTAS PARA POBRES

“Defendo a reserva de vagas na universidade para os egressos da escola pública, porque é lá que estudam os negros e indígenas, que compõem a faixa mais pobre da população.”

PELO COLETIVO

“Me divirto lendo e ouvindo música brasileira e latino-americana. Nunca aprendi a tocar piano nem violão, como minha mãe. Eu sempre quis atuar em grupo, se fosse para brilhar sozinha, ia ser modelo ou atriz.”

SEM RELIGIÃO

“Não sou batizada em nenhuma religião. Não fui educada para ter nem para deixar de ter religião, mas a minha campanha teve uma relação

profunda com a religião afro-brasileira. Até fizemos um churrasco para comemorar.”

PENA DE BICHO

“Meu sonho é ter um cachorro labrador, mas agora não posso porque paro pouco em casa. Em Pedro Osório, aos 11 anos, eu tinha cachorros e galinhas de estimação..”

VIDA PRIVADA

“Não existe nenhum livro que diga como deve ser o militante comunista. Eu saio, fumo cigarros, bebo coca-cola, tomo cerveja, me divirto, o que é compatível com a vida de um jovem. E há um ano e meio moro com o meu namorado, que estuda Ciências Sociais na UFRGS.”



Arte funerária

XYKO SEABRA



Flávio Dutra

Fugimos de cemitérios como quem foge da morte. Em alguns lugares, porém, cemitérios são também pontos de atração turística, que guardam – além das personalidades consagradas pela vida pública e entes queridos somente pela memória individual – também uma rica arte funerária. Em Porto Alegre, um desses lugares é o cemitério da Santa Casa, nos altos da Azenha. Fundado ao redor de 1850 com o intuito de transferir o antigo cemitério da Matriz para fora do centro da cidade, teve o auge de sua estruturação no período dos governos positivistas no estado, entre 1900 e 1940. Não por acaso, alguns dos túmulos e mausoléus mais elaborados são de expoentes desses governos: Júlio de Castilhos, Pinheiro Machado e Otávio Rocha.

Por outro lado, as relações entre fotografia e morte são muito próximas: a imagem fotográfica é o congelamento de um instante do fluxo da vida. Este pensamento pode levar à sensação de um certo “drible” na ausência e na saudade do que não mais está. Segundo Mauro Guilherme Pinheiro Koury, em um texto chamado *Relações imaginárias: a fotografia e o real* (SMC/POA), “Debruçado sobre a fotografia, o observador se encanta. Através dela, rememora. Por ela, o presente é corporificado como elos fixos de uma presença vivida. O passado torna-se uma rede de elementos fixos, presentes e ao alcance das mãos, que comprova o vivido e a vida do sujeito que as vê e possui. (...) O consolo da fotografia é a eternização da vida – ou do vivido – fixada na revelação. É a morte colecionada e transformada em vida real”.

As imagens do Ensaio deste mês, homenagem a todos que nos faltam e que sempre lembramos, são de Xyko Seabra e retratam alguns elementos e detalhes da rica arte funerária do cemitério da Santa Casa.